

ESUDA

T

18

LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
 PARA FINS DE CENSURA DO TEX-
 TO. AS REPRESENTAÇÕES ESTÃO
 SUJEITAS A NOVA AUTORIZAÇÃO

SBAT

REPRESENTANTE NO R. G. SUL

CENSURA FEDERAL
 D.P.F.
 SC/SP/RS

CLUBE DE CULTURA

TERROR E MISÉRIAS

DO

TERCEIRO REICH

original de BERTOLT BRECHT
 tradução de GILDA OSWALDO CRUZ
 direção de PEREIRA DIAS

LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
 PARA FINS DE CENSURA DO TEX-
 TO. AS REPRESENTAÇÕES ESTÃO
 SUJEITAS A NOVA AUTORIZAÇÃO

SBAT

REPRESENTANTE NO R. G. SUL



- 1 - A CRUZ DE GIZ
- 2 - DOENÇA PROFISSIONAL
- 3 - A MULHER JUDIA
- 4 - TRABALHO VOLUNTÁRIO
- 5 - OS CONTRATADORES DE TRABALHO
- 6 - AJUDA DE INVERNO
- 7 - DOIS PADEIROS
- 8 - O CAMPONÊS DÁ DE COMER À PORCA
- 9 - A HORA DO TRABALHADOR
- 10 - O PLEBISCITO
- 11 - VELHO COMBATENTE
- 12 - O ESPIÃO

ENFERMEIRA de "Doença Profissional"
 ERNA de "Ajuda de Inverno"
 MULHER de "O Camponês dá de Comer à Porca"
 EMPREGADA de "O Espião"

EMPREGADA de "A Cruz de Giz"
 MULHER de "A Mulher Judia"
 MULHER de "Os Contratadores de Trabalho"
 MULHER de "O Plebiscito"
 MULHER de "O Espião"

COZINHEIRA de "A Cruz de Giz"
 VIZINHA de "Os Contratadores de Trabalho"
 MULHER de "A Hora do Trabalhador"
 VENDEDORA de "Velho Combatente"

ENFERMEIRA-CHEFE de "Doença Profissional"
 VELHA de "Ajuda de Inverno"
 REPÓRTER de "A Hora do Trabalhador"
 MULHER DO AÇOUGUEIRO de "Velho Combatente" ...

S.A. de "A Cruz de Giz"
 CHEFE DE GRUPO de "Trabalho Voluntário"
 S.A. 1 de "Ajuda de Inverno"
 GERENTE de "A Hora do Trabalhador"
 HOMEM de "Velho Combatente"

OPERÁRIO de "A Cruz de Giz"
 MARIDO de "A Mulher Judia"
 OPERÁRIO de "A Hora do Trabalhador"
 HOMEM de "O Espião"

CIRURGIÃO de "Doença Profissional"
 HOMEM de "Os Contratadores de Trabalho"
 PADEIRO 1 de "Dois Padeiros"
 VELHO de "O Plebiscito"

DOENTE 1 de "Doença Profissional"
 ESTUDANTE de "Trabalho Voluntário"
 JOVEM de "O Plebiscito"
 MENINO de "O Espião"

CHOFER de "A Cruz de Giz"
 DOENTE 3 de "Doença Profissional"
 OPERÁRIO de "Trabalho Voluntário"
 PADEIRO 2 de "Dois Padeiros"
 VELHO de "A Hora do Trabalhador"
 RAPAZ de "Velho Combatente"

DOENTE 2 de "Doença Profissional"
 S.A. 2 de "Ajuda de Inverno"
 CAMPONÊS de "O Camponês dá de Comer à Porca"
 BURGUES de "Velho Combatente"

A CRUZ DE GIZ



Berlim. Uma cozinha em casa de gente rica. Em
Um S.A., a Cozinheira, a Empregada e o Chofer.

EMPREGADA - Você só tem mesmo mais meia hora, é?

S.A. - Manobras noturnas!

COZINHEIRA - E o que e que tanto vocês vivem manobrando?

S.A. - Segredo militar!

COZINHEIRA - Batida policial?

S.A. - Era o que a senhora gostaria de saber, não é? Mas de mim não sai nada. Deste mar não sai peixe.

EMPREGADA - E você ainda tem de ir até Reinickendorf?

S.A. - Reinickendorf ou Rummelsburg ou, quem sabe, Lichterfelde.

EMPREGADA - (NÃO ENTENDENDO NADA) Não quer comer nada antes de sair?

S.A. - Não me faço de rogado. Encher a pança é comigo. (ENQUANTO ELA PREPARA UMA BANDEJA) Temos de ficar de bico calado! Surpreender sempre o inimigo! Vir sempre do lado de onde menos se espera! Olha o exemplo do Führer! Quando ele prepara uma ação qualquer, é indecifrável! Antes não se sabe de nada. Talvez nem ele mesmo saiba. E de repente a coisa desaba como um raio. As coisas mais incríveis! É isso que nos faz tão temidos. (ELA TRAZ A BANDEJA. ELE AMARRA O GUARDANAPO NO PESCOÇO, EMPUNHA O GARFO E A FACA MAS LEMBRA-SE DE ALGO) Os donos da casa não entrarão aqui de repente, Anna? Se me encontram aqui sentado com a boca cheia, como é que eu vou...? (LEVANTA-SE E FINGE ESTAR COM A BOCA CHEIA) Heil Hitler!

EMPREGADA - Não. Eles primeiro tocam a campainha para pedir o automóvel, não é, Herr Francke?

CHOFER - (SURPRESO, INTERROMPE O LUSTRO DE SUAS BOTAS) Como disse? Ah, sim senhora!

EMPREGADA - (SENTA-SE AO LADO DO S.A. QUE COMEÇA A COMER TRANQUILO) Não está cansado?

S.A. - Exausto!

EMPREGADA - Mas sexta-feira você vai ter tempo, não vai?

S.A. - Se nada acontecer de anormal...

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- EMPREGADA - Olha, o conserto do relógio custou 4 marcos e com o conserto...
- S.A. - Que assalto!
- EMPREGADA - O relógio novo custou 12 marcos.
- S.A. - E o rapaz da drogaria continua mexendo com você?
- EMPREGADA - Ah, deixa pra lá...
- S.A. - É só você me dizer.
- EMPREGADA - Eu digo tudo a você. Está com as botas novas?
- S.A. - (SEM ENTUSIASMO) Estou. Por que?
- EMPREGADA - Minna, já viu as botas novas do Theo?
- COZINHEIRA - Não, ainda não.
- EMPREGADA - Nostra, Theo. Eles agora estão dando essas botas para o pessoal.
- COZINHEIRA - (OLHA AS BOTAS QUE O S.A. LHE MOSTRA, SEMPRE MASTIGANDO) Muito bonitas!
- EMPREGADA - (REPARANDO QUE O S.A. OLHA EM VOLTA À PROCURA DE ALGO) Falta alguma coisa?
- S.A. - Está um pouco seco...
- EMPREGADA - Quer cerveja? Vou buscar. (SAI RAPIDAMENTE)
- COZINHEIRA - Ela seria capaz de morrer pelo senhor, Herr Theo!
- S.A. - É, comigo tem de ser assim. Tudo tem que funcionar bem na hora.
- COZINHEIRA - É, vocês homens podem exigir... Fazem o que bem querem.
- S.A. - São as mulheres que preferem assim... (A COZINHEIRA FAZ MENÇÃO DE LEVANTAR UMA CHALEIRA DE FERRO E ELE SE APRESSA) Não... Largue isso. Deixe por minha conta... (LEVA A CHALEIRA PARA O FOGÃO)
- COZINHEIRA - Muito gentil de sua parte, sempre querendo ajudar... (OLHANDO PARA O CHOFER SEMPRE ALHEIO) Não é todo o dia que se encontra alguém assim.
- S.A. - Ora, são coisas que fazemos com prazer...
- (ALGUÉM BATE NA PORTA DE SERVIÇO)
- COZINHEIRA - Deve ser meu irmão trazendo a válvula para o rádio. (VAI ATÉ A PORTA E ABRE-A) Ah, entra. Este é meu irmão!
- (CHOFER E S.A. LEVANTAM-SE ENQUANTO ENTRA O OPERÁRIO)



- MOTORISTA E
S.A. - Heil Hitler!
- (O OPERÁRIO RESMUNHA QUALQUER COISA QUE, TALVEZ, POSSA SER ENTENDIDO COMO HEIL HITLER)
- COZINHEIRA - Trouxe a válvula?
- OPERÁRIO - Trouxe.
- COZINHEIRA - Quer instalar logo? (SAEM OS DOIS)
- S.A. - (DEPOIS QUE ELES SAEM, PARA O CHOFER) Que tal esse cara?
- CHOFER - Desempregado.
- S.A. - Vem sempre aqui?
- CHOFER - Não sei. Eu também raramente fico aqui.
- S.A. - E a cozinheira é cem por cento leal ao partido?
- CHOFER - Completamente.
- S.A. - Bem, mas isso não quer dizer que o irmão também seja.
- CHOFER - O senhor tem alguma suspeita?
- S.A. - Eu? Nunca! Jamais suspeito de coisa alguma. Suspeita, o senhor compreende, é quase a mesma coisa que certeza. E quando há certeza...
- CHOFER - Tudo tem que funcionar bem na hora.
- S.A. - É isso mesmo. (OLHANDO POR ONDE ELES SAIRAM) O senhor entendeu o que ele resmungou? (IMITA A SAUDAÇÃO) Pode ser que tenha sido Heil Hitler, mas pode ser que não. Esses caras são uma parada!
- A COZINHEIRA ENTRA COM O IRMÃO. ELA VAI SERVIR-LHE ALGO PARA COMER.
- COZINHEIRA - Meu irmão entende mesmo de rádio. Não compreendo porque ele não liga nunca o seu aparelho. Se eu tivesse tempo, o rádio ficava sempre ligado. E tempo é coisa que você tem até demais, não é Franz?
- S.A. - É mesmo, é? O senhor tem rádio e não o liga nunca?
- OPERÁRIO - Ouço música, de vez em quando.
- COZINHEIRA - Ele construiu sozinho um rádio ótimo, com quase nada.
- S.A. - Ah, é? Com quantas válvulas?
- OPERÁRIO - (ENTENDENDO A INTENÇÃO) Com quatro.
- S.A. - Ah... bem, cada qual com seu gosto... (PARA O CHOFER) Não é mesmo?
- CHOFER - Como disse? Ah, sim, é isso mesmo.



- EMPREGADA - (ENTRA COM A CERVEJA) Está bem gelada.
- S.A. - (ACARICIANDO A MÃO DELA) Menina, você está esbaforida. Não precisava ter corrido tanto. Eu podia esperar.
- EMPREGADA - (SERVE A CERVEJA) Não faz mal. (CUMPRIMENTA O OPERÁRIO) O senhor trouxe a válvula? Sente-se. Parece cansado. (AO S.A.) Ele mora em Moabit.
- S.A. - Onde é que está a cerveja? Alguém bebeu minha cerveja. (PARA O CHOFER) O senhor bebeu a minha cerveja?
- CHOFER - Eu, não! Mas, como? Sumiu a cerveja?
- EMPREGADA - Eu acabei de encher o copo!
- S.A. - (À COZINHEIRA) Foi a senhora quem bebeu? ENQUANTO A COZINHEIRA SE PERTURBA ELE COMEÇA A RIR) Não é nada disso! Podem ficar tranquilos! É um truque nosso... Bebe-se a cerveja sem que ninguém veja ou ouça nada!
- OPERÁRIO - Ora, esse é um truque antigo.
- S.A. - Então pode repetir. (DESPEJA O RESTO DA CERVEJA NO COPO)
- OPERÁRIO - Muito bem: aqui está a cerveja. (LEVANTA O COPO) E agora vou mostrar o truque. (BEBE TRANQUILO E COM PRAZER TODA A CERVEJA)
- COZINHEIRA - Mas assim qualquer um nota!
- OPERÁRIO - Ah, é? Então o truque falhou... (ENXUGA A BOCA ENQUANTO O CHOFER RI ALTO)
- S.A. - Está achando muito engraçado, não é?
- OPERÁRIO - Mas não foi assim que o senhor fez? Não existe outro jeito!
- S.A. - Agora não posso lhe mostrar: acabou com a minha cerveja.
- OPERÁRIO - Tem razão. Sem cerveja não se pode mostrar o truque. Conhece algum outro? Vocês sabem tantas coisas...
- S.A. - "Vocês", quem?
- OPERÁRIO - Vocês jovens, os rapazes...
- S.A. - Ah...
- EMPREGADA - Foi só uma brincadeira de Herr Lincke, Theo...
- OPERÁRIO - Não vá levar a mal!
- COZINHEIRA - Vou buscar outra cerveja!
- S.A. - Não precisa. Já deu pra molhar a boca.
- EMPREGADA - O Theo sabe apreciar uma brincadeira...
- S.A. - (AO OPERÁRIO) Por que não se senta? Nós não somos canibais. (O OPERÁRIO SENTA-SE) Viver e deixar viver, é o nosso lema. De vez em quando uma piada. E por que não? O importante são as idéias. Manter o moral alto!



- COZINHEIRA - É... Isso e a obrigação de vocês.
- OPERÁRIO - E, como está o moral, agora?
- S.A. - Alto. Bem alto. (PENSA) Por que? Está pensando o contrário?
- OPERÁRIO - Eu, não! Só perguntei porque ninguém diz mais o que pensa...
- S.A. - Ninguém lhe diz nada? Por que? A mim, todos dizem o que pensam.
- OPERÁRIO - É mesmo?
- S.A. - Bem, ninguém chega logo contando ou pedindo pra dizer o que pensa... Mas a gente vai até lá.
- OPERÁRIO - Até lá onde?
- S.A. - Aos lugares. Por exemplo: nos pontos de carimbo para cartões de desempregados. De manhã estamos sempre nos pontos de carimbo.
- OPERÁRIO - Ah, é? Bom, na fila sempre se resmunga alguma coisa com o vizinho.
- S.A. - Pois é isso.
- OPERÁRIO - Mas também o senhor só poderá escutar, sem ser ouvido, uma única vez. Depois fica logo manjado. E aí ninguém fala mais nada na fila.
- S.A. - Por que voce acha que eu fico manjado? Quer que lhe mostre como passo despercebido? Já que o senhor se interessa por truques, vou mostrar-lhe um. Ih, nós temos uma porção de truques... E quando os caras percebem que não podem escapar, que nós sabemos de tudo, eles acabam desistindo...
- EMPREGADA - Isso, Theo: mostre como vocês fazem!
- S.A. - Digamos, por exemplo, que estamos na filha do posto de Münzstrasse. (PARA O OPERÁRIO) O senhor está na fila, na minha frente... Mas antes preciso tomar algumas providências. (SAI ENFIANDO A MÃO NO BOLSO)
- OPERÁRIO - (PISCANDO PARA O CHOFER) Agora vamos ver como eles agem.
- COZINHEIRA - Todos os marxistas devem ser desmascarados. Não se pode tolerar que eles acabem com tudo!
- OPERÁRIO - (ALTO) Claro, claro...
- S.A. - (ENTRANDO) Digamos que estou à paisana, naturalmente. (AO OPERÁRIO) Agora o senhor começa a se queixar.
- OPERÁRIO - De que?
- S.A. - Não se faça de bobo. Vocês sempre têm algum motivo para se queixar.
- OPERÁRIO - Eu? Eu não tenho, não!

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

- S.A. - Macaco velho, hein? Não vai querer me convencer de tudo correr às mil maravilhas!
- OPERÁRIO - E por que não?
- S.A. - Ah, assim não adianta. Se o senhor não colabora eu não posso mostrar.
- OPERÁRIO - Está bem. Então vou entrar de sola. "Deixam a gente aqui esperando atoa, como se nosso tempo não valesse nada. De Rummelsburg até aqui já gastei mais de duas horas de via gem..."
- S.A. - Isso não é nada. A distância entre Rummelsburg e a Müngstrasse é a mesma tanto no Terceiro Reich como na República corrupta de Weimar. Vamos, solte a língua!
- COZINHEIRA - Estamos brincando, Franz. Todo mundo sabe que o que você vai dizer não é a sua verdadeira opinião!
- EMPREGADA - É só de brincadeira, Herr Lincke! Represente um desses sujeitos que vivem xingando o regime! Pode confiar no Theo! Ele não vai leva-lo a mal ou pensar que está falando sério. Só quer mostrar o método que usam.
- OPERÁRIO - Está bem. Então eu digo o seguinte: "Toda a S.A. pode ir tomar no cu. Eu sou a favor dos marxistas e dos judeus!"
- COZINHEIRA - Franz!
- EMPREGADA - Assim não é possível, Herr Lincke!
- S.A. - (RINDO) Ora, homem! Falando assim o senhor corre o risco de que eu simplesmente o mande prender pelo policial mais próximo. É preciso um pouco de imaginação. O senhor deve dizer alguma coisa que tenha um outro sentido, alguma coisa que de fato eles dizem por aí...
- OPERÁRIO - Ah, bom. Então o senhor tem de me provocar.
- S.A. - Puxa, o senhor é difícil! Eu poderia dizer: -"Nosso Führer é a maior figura humana que já pisou na face da terra, maior que Jesus Cristo e Napoleão Bonaparte juntos!" Aí o senhor responderia, no máximo: -"É isso mesmo!" Então eu faço o contrário. Começo dizendo o seguinte: -"Essa gente sabe falar! Que propaganda! Nisso eles são mestres. Só têm garganta! Vocês conhecem a piada do Goebbels e dos dois piolhos? Não? Pois dois piolhos apostaram corrida pra ver qual chegava primeiro do outro lado da boca do Goebbels. Ganhou o piolho que foi pela nuca! É o caminho mais curto!" (TODOS RIEM) Agora é a sua vez. Arrisque alguma coisa.
- OPERÁRIO - Não... Por causa da piada eu não vou logo abrindo a boca. Você bem pode estar na fila mas ser um espião.





- EMPREGADA - Isso é verdade, Theo.
- S.A. - Vocês são uns cagões! Já estou ficando cheio, não dá para ficar aqui se arrisca a dar um pio!
- OPERÁRIO - Está falando pelo senhor ou isso é o que diria a pessoa na fila do carimbo?
- S.A. - Isso eu também diria na fila do carimbo!
- OPERÁRIO - Pois então eu lhe diria, na fila do carimbo: -"Um homem prevenido vale por dois. Sou covarde e ainda por cima não tenho revolver."
- S.A. - Pois então, já que dá tanta importância à pudência, meu camarada, vou lhe dizer uma coisa: Continue prudente e um belo dia vai acabar no Trabalho Voluntário.
- OPERÁRIO - E quem for imprudente?
- S.A. - Também vai acabar lá. É Trabalho Voluntário, reconheço, mas vai acabar lá.
- OPERÁRIO - A essa altura é possível que algum camarada lá na fila do carimbo, vendo o senhor, com esses olhos azuis, se arriscasse a dizer alguma coisa sobre o Trabalho Voluntário. Por exemplo: -"Sabe que ontem foram mais quinze para lá? Como será que eles conseguem esse pessoal? Não é trabalho voluntário? Mas quem trabalha como voluntário não come nem um pouquinho mais do que quem não trabalha! E olha que quem trabalha precisa comer mais! Vocês conhecem a anedota sobre o Doutor Ley e o gato?"
- S.A. - Não, eu não conheço.
- OPERÁRIO - O Dr. Ley está viajando a serviço (COM SORRISO FORÇADO) por conta da organização, e encontra num campo de concentração um alto funcionário da Republica de Weimar. Aí o funcionário, muito admirado, pergunta como é possível que os trabalhadores agora aceitem fazer qualquer coisa quando antes não queriam trabalhar de jeito nenhum. O Dr. Ley então mostra-lhe um gato que está por ali tomando sol e diz: -"Que faria o senhor se quizesse obrigar aquele gato a comer uma porção de mostarda?" O funcionário pega o gato e lhe besunta o focinho de mostarda. Claro, o bicho cospe tudo na cara do funcionário e arranha o homem de alto a baixo. -"Não é nada disso, diz o Dr. Ley, veja como eu faço." Pega o gato e lhe aplica, num gesto rápido, uma porção de mostarda no cu. (PARA AS SENHORAS) Desculpem, mas faz parte da anedota! O animal, coitado, fora de si, pois a mostarda lhe arde no rabo horrivelmente, começa a lambar-se afim de se livrar do troço. -"Está vendo, meu caro, diz triunfalmente o Dr Ley, agora o gato está comendo!" Pois assim é o Trabalho Voluntário. (TODOS RIEM) Não é engraçado?

S.A.

- Bom, agora a coisa vai. Trabalho Voluntário é um tema muito popular. "O Pior é que já não há a menor resistência. Podem nos dar bosta pra comer e nós ainda vamos muito obrigado."

OPERÁRIO

(SEMPRE REPRESENTANDO) Não é bem assim... Outro dia eu estava na Alexanderplatz pensando se devia me apresentar para o Trabalho Voluntário ou esperar que me pegassem na próxima leva quando sai do armazem uma dona magrinha, com todo o aspecto de ser mulher de proletário. -"Alô lá, eu gritei, desde quando existe proletariado no Terceiro Reich? Não existe a Comunidade Nacional à qual pertencemos todos?" -"Não, me respondeu ela, não vê que já aumentaram outra vez o preço da margarina? De 50 pfennig para um marco. Isso é que é a Comunidade Nacional?" -"Filhinha, respondo eu, cuidado com o que diz pra mim! Sou nazista até a medula dos ossos!" -"Dos ossos, sim, respondeu ela, mas sem carne, e já estão vendendo a farinha misturada com casca de trigo." Pois a mulherzinha se atreveu a me dizer tais barbaridades! Fiquei meio atordoado mas consegui dizer: -"Pois compre manteiga! É até mais saudável! Não pense em economizar na comida porque senão o povo enfraquece e isso não podemos permitir. Estamos rodeados de inimigos, até mesmo nos altos escalões do governo..." -"Não, me respondeu ela, somos todos nazistas até o último suspiro, que aliás não deve estar longe porque o perigo da guerra já está aí. Veja, senhor: Outro dia fui entregar meu melhor sofá para a Ação de Socorro de Inverno pois andam dizendo que o coitado do GÖering até dorme no chão de tanta preocupação com as matérias primas. Sabe o que me disseram? Que preferiam um piano para a campanha "Força pela Alegria". Vejam que barbaridade! Fui então, com meu sofá, ao comprador de moveis usados porque eu estava tentando arranjar dinheiro pra comprar 250 gramas de manteiga. Na leiteria me disseram: -"Hoje não tem manteiga! Não quer levar um canhão, camarada?" Aí eu achei certo e respondi: -"Tá bem, pode me dar o canhão..." Nesta altura resolvi interromper a mulher e perguntei-lhe: -"Mas para que a senhora queria o canhão com o estômago vazio?" -"Não, me respondeu ela, já que vou passar fome temos de arrasar com tudo, acabar com toda a canalha, com Hitler na prôa.... -"Como, como, como, filhinha, pergunto eu, nervoso, como assim?" E ela: -"Com Hitler na prôa invadiremos a França!" Veja o senhor que perspicácia! Contou ela também que quando aparece na Ação Socorro de Inverno um bom corte de fazenda, de boa qualidade, como nos tempos antigos, os funcionários brigam para ver quem

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



vai ficar com o pano! Se Hitler soubesse disso! Mas ele não sabe de nada, dizem que ele só tem um emprego primário, que é um bocô." E eu lá pasmado, ouvindo tais barbaridades. - "Minha senhora, digo por fim, espere um pouco, tenho de ir aló na Alexanderplatz..." Imaginem vocês: quando voltei com o agente a mulherzinha já tinha ido embora! (PARA DE REPRESENTAR) Então, que dizem?

- S.A. - (REPRESENTANDO) Eu? Eu não diria nada. Quando muito talvez dissesse: - "É bom ir correndo à delegacia de Alexanderplatz..." (DESISTE DE REPRESENTAR) Com você não se pode dizer nada! Não se pode falar francamente.
- OPERÁRIO - (VOLTANDO A REPRESENTAR) E não pode mesmo. Comigo, não. Se se abrir comigo está perdido. Conheço meus deveres de cidadão do Reich. Até minha própria mãe se começar a se queixar do preço da margarina, eu entrego. Vou ao posto mais próximo e deduro ela. Denuncio meu próprio irmão se ele começar a falar mal do Trabalho Voluntário. E se minha noiva escrever do campo de concentração anunciando que ficou grávida ao som de Heil Hitler, mando que a vigiem de perto: nada de aborto. Se não procedermos assim, se não nos afastarmos de nossa carne e do nosso sangue quando necessário, não poderemos manter o Terceiro Reich, que é o que mais prezamos. Então? Representei bem? Está contente agora?
- S.A. - Acho que chega. (VOLTANDO A REPRESENTAR) E agora pode ir carimbar o seu carnê. Eu compreendi. Acho que todos o compreendemos, não é companheiros? Mas pode confiar em mim, colega: O que você me disse vai comigo para o túmulo! (DÁ UM TAPINHA NAS COSTAS DO OPERÁRIO E VOLTA A FALAR NORMALMENTE) Aí você entra na repartição e vai preso na mesma hora.
- OPERÁRIO - Mas como? Sem o senhor sair da fila e me acompanhar?
- S.A. - Sem nada disso.
- OPERÁRIO - Sem fazer sinal algum chamando a atenção do pessoal lá de dentro?
- S.A. - Sem nada.
- OPERÁRIO - Como é que é possível?
- S.A. - Ah, quer saber o truque? Então vire-se de costas. (AJUDA-O A VOLTAR-SE, PARA A EMPREGADA) Você está vendo?
- EMPREGADA - Uma cruz branca!
- COZINHEIRA - No meio do ombro!
- S.A. - Exatamente. E como veio ela parar aqui? (MOSTRA A PALMA DA MÃO) Estão vendo? Aqui está uma cruzinha de giz que

se reproduziu em tamanho natural nas costas do companheiro!

- OPERARIO - (TIRA O PALETÓ E OLHA) Trabalho bem feito.
- S.A. - É boa, não é. Temos sempre um pedaço de goz no bolso. A gente precisa usar a cabeça! Não adianta seguir as regras, apenas. Bem, agora tenho de ir a Reinickendorf. Quero dizer, vou visitar uma tia que mora lá. Vocês não estão muito entusiasmados, não é? Que cara de pateta é essa, Anna? Não entendeu nada do truque, não é?
- EMPREGADA - Entendi sim. Pensa que sou idiota?
- S.A. - (DANDO TUDO POR TERMINADO) Limpe minha mão. (A EMPREGADA PASSA UM PANO NA MÃO DELE)
- COZINHEIRA - Temos mesmo de agir assim se quisermos impedir que esses elementos perigosos destruam tudo o que o nosso Führer conseguiu erguer e que causa a inveja de todos os povos.
- CHOFER - Como disse? Ah, sim, tem toda a razão. (OLHA O RELÓGIO) Vou lavar o carro. Heil Hitler! (SAI)
- S.A. - Heil Hitler! (UM POUCO BAIXO, PARA EMPREGADA) Que tipo de homem é esse motorista, hein?
- EMPREGADA - Um cara quieto. Completamente apolítico.
- OPERÁRIO - Pois é, Minna, eu também vou andando. Desculpe a brincadeira com a cerveja, hein! Mas acabei me convencendo de que ninguém escapa. Quem tiver algo contra o Terceiro Reich está perdido. Já é uma tranquilidade, não é? Eu, por mim, não tenho contato com esse tipo de gente, senão eles iam ver uma coisa! Apenas não tenho a sua presença de espírito e a sua argúcia. (CLARO E FORTE) Minna, muito obrigado e Heil Hitler!
- TODOS - Heil Hitler!
- S.A. - (AMIGÁVEL) Se o senhor não se importa, deixe-me dar-lhe um conselho: Não se faça tanto de ingênuo. Sabe, isso chama a atenção. Comigo pode se abrir um pouco, eu sei apreciar uma boa piada, entendeu? Tudo bem... Heil Hitler. (O OPERÁRIO SAI) De repente todo o mundo foi embora. Parece que ficaram com medo. Acho que fiz mal em ter mencionado Reinickendorf. Essa gente presta muita atenção!
- EMPREGADA - Queria lhe pedir uma coisa, Theo?
- S.A. - Vai em frente.
- COZINHEIRA - Vou lá fora pendurar a roupa. Eu também já fui moça. (SAI)
- S.A. - Que é?
- EMPREGADA - Vou falar porque sei que você não vai levar a mal, senão eu não diria nada.

- S.A. - Fala logo!
- EMPREGADA - Bem... sabe... Olhe, preciso tirar 20 marcos daquele dinheiro.
- S.A. - Vinte marcos da caderneta de poupança? Não acho nada bom. Para que você precisa dos vinte marcos?
- EMPREGADA - Preferia não dizer.
- S.A. - Ah, prefere não dizer. Acho estranho. Quer desistir da caderneta conjunta?
- EMPREGADA - Como pode pensar numa coisa dessas? Mesmo tirando 20 ainda sobram depositados 97 marcos.
- S.A. - Não precisa fazer as costas. Eu também sei exatamente quanto temos depositado. Só posso pensar que voce está querendo acabar comigo. Talvez até já tenha começado algum namoro com outro. Vai ver que quer mostrar a caderneta para o outro examinar.
- EMPREGADA - Eu não tenho ninguém.
- S.A. - Então me diga para que quer o dinheiro?
- EMPREGADA - Voce não quer me dar...
- S.A. - Como é que eu vou saber se não é para algum motivo escuro? Sou um homem de responsabilidade,..
- EMPREGADA - Mas não é nada de mal. Voce sabe que se eu não precisas se não ia pedir.
- S.A. - Eu não sei de coisa nenhuma. Só sei que me parece bastante misterioso você, de repente, precisar de 20 marcos. Está grávida?
- EMPREGADA - Não.
- S.A. - É bom ficar avisada, hein: se eu souber que voce tem a intenção de cometer algum ato ilegal pode crer que está tudo terminado entre nós. Você sabe que o maior crime que alguém pode cometer é o infanticídio. Se o povo alemão não se reproduzir estará terminada sua missão histórica.
- EMPREGADA - Eu não sei do que você está falando. Se fosse isso eu lhe diria porque seria assunto seu também. Mas já que você está pensando até nisso, vou lhe dizer: quero ajudar a Frieda a comprar um casaco de inverno.
- S.A. - E por que sua irmã não pode comprar o casaco sozinha?
- EMPREGADA - Porque ela recebe pensão de invalidez: vinte e seis marcos e oitenta por mês.
- S.A. - E a Ação de Socorro de Inverno? Aí é que está: o problema é que vocês não confiam no Estado Nazista! E a prova é o tipo de conversa que se ouve nesta cozinha. Pensa





- que não reparei na sua reação de desagrado à experiência que eu fiz aqui?
- EMPREGADA - Quem lhe disse que eu reagi com desagrado?
- S.A. - Claro que sim! Tanto você como os caras que estavam aqui e saíram de repente.
- EMPREGADA - Se quer a minha opinião sincera, eu não gostei.
- S.A. - Não gostou do que?
- EMPREGADA - De você aprontar armadilhas para os pobres diabos, com fingimentos e truques.
- S.A. - Eu precisava ouvir e acabei tirando minhas conclusões a respeito desse Lincke.
- EMPREGADA - Não diga que você vai fazer alguma coisa contra ele. Depois que ele fez a sua vontade e se prestou à brincadeiras animado por todos nós?
- S.A. - Não prometo nada. E se você tiver objeções a que eu cumpra meu dever, leia "Mein Kampf" e verá que o próprio Führer exerceu a função de fiscalizador da opinião pública. Durante muito tempo foi essa a profissão dele, quando estava na Reichswehr. Fez tudo pela Alemanha e graças a isso chegamos onde chegamos.
- EMPREGADA - Eu só quero saber se posso tirar os 20 marcos. Mais nada.
- S.A. - Não estou me sentindo disposto a me deixar explorar.
- EMPREGADA - Como assim? O dinheiro é meu ou seu?
- S.A. - Ah, de repente você fala de uma maneira muito estranha sobre o nosso dinheiro. Foi para isso que nos livramos dos judeus? Para sermos explorados por nossos próprios companheiros?
- EMPREGADA - Mas como é que você pode dizer uma coisa dessas por causa de 20 marcos?
- S.A. - Eu tenho muitas despesas: Só as botas me custaram 27 marcos.
- EMPREGADA - Mas vocês não receberam as botas de graça?
- S.A. - Era o que a gente pensava. Como não sabia que teríamos de pagar, escolhi logo as melhores. Depois eles cobraram e não havia mais saída.
- EMPREGADA - Vinte e sete marcos pelas botas? E que outras despesas são essas?
- S.A. - Não me lembro, agora. Aliás, não admito ser interrogado. Mas pode ficar tranquila que não vou lesar você. Quanto aos 20 marcos, vou pensar.
- EMPREGADA - (CHORANDO) Oh, Theo, não é possível! Você me disse que

estava tudo em ordem com o dinheiro e agora parece que não está. Não sei mais o que pensar. Não é possível que de todo o dinheiro não tenham sobrado nem 20 marcos



S.A. - (BATE-LHE NAS COSTAS COMO FEZ COM O OPERÁRIO) Quem é que está dizendo que não temos mais dinheiro? Pode confiar em mim. O que você me entrega fica guardado como num cofre. Pronto. Confia de novo no seu Theo? (ELA CONTINUA CHORANDO) Você está com uma crise de nervos. Cansaço, excesso de trabalho... Bem, eu vou indo. Tenho manobras noturnas. Sexta-feira venho buscar você. Heil Hitler!

(ELE SAÍ E A EMPREGADA TENTA ENXUGAR AS LÁGRIMAS. CAMINHA NERVOSA QUANDO ENTRA A COZINHEIRA COM CESTO DE VIME)

COZINHEIRA - Que foi que houve? Brigaram? Theo é boa praça! Alguma coisa séria?

EMPREGADA - Minna, será que você pode ir à casa de seu irmão, avisá-lo de que deve tomar cuidado?

COZINHEIRA - Cuidado por que?

EMPREGADA - Nada, não. Eu só estava pensando...

COZINHEIRA - Por causa de hoje, aqui? Não está falando sério! Theo não faria uma coisa dessas, não é?

EMPREGADA - Não sei. Não sei mais nada, Minna. Não sei mais o que pensar. Ele está tão mudado. Acabaram com o Theo. Não anda mais com gente decente. Estamos juntos há quatro anos e agora... Eu acho até que você deve olhar se eu não estou com uma cruz de giz nas costas!

ELAS SE OLHAM.

A COZINHEIRA SORRI, TRANQUILADORA

A EMPREGADA VOLTA A CHORAR

DISFARÇADAMENTE, A COZINHEIRA TENTA OLHAR-LHE O OMBRO.

ESCURECE LENTAMENTE

DOENÇA PROFISSIONAL

Enfermaria de um Hospital de Caridade. Um doente acaba de ser trazido. A Enfermeira está escrevendo o nome dele na prancheta à cabeceira do leito. Dois doentes vizinhos conversam.

- DOENTE 1 - Quem é, hein?
- DOENTE 2 - Acho que é o que eu vi na sala de curativos. Fiquei bem ao lado da maca dele. Ainda estava consciente mas não respondeu quando perguntei o que sentia. Está que é uma ferida só, da cabeça aos pés.
- DOENTE 1 - Então você não devia ter perguntado.
- DOENTE 2 - Só vi depois que enfaixaram ele, todo.
- ENFERMEIRA - Silêncio! O Professor!
- (SEGUIDO PELA ENFERMEIRA-CHEFE, ENTRA O CIRURGIÃO E SE DETEM DIANTE DO DOENTE 1)
- CIRURGIÃO - Ah... Eis aqui um belo caso. Mais uma vez se comprova: sem uma anamnese profunda e uma detalhada investigação das causas profundas e ocultas de uma enfermidade, a medicina cai no terreno da charlatanice. O paciente apresenta todos os sintomas de uma neuralgia e recebeu o tratamento adequado a esse diagnóstico durante muito tempo. Mas, na realidade, ele sofre do "Mal de Raynaud", que contraiu no exercício de sua profissão de operário numa fábrica de aparelhos de ar comprimido. Trata-se, portanto, senhores, de uma doença profissional. E agora nós estamos dando à ele o tratamento adequado. Este caso é um exemplo do erro que significa considerar o doente como um mero acessório da clínica ao invés de infagar de onde vem o paciente, onde contraiu a moléstia e para onde retornará depois de curado. Quais são as três coisas que um médico deve saber? Em primeiro lugar?
- ENFERMEIRA-CHEFE - Indagar.
- CIRURGIÃO - Em segundo lugar?
- ENFERMEIRA-CHEFE - Indagar.
- CIRURGIÃO - Em terceiro?
- ENFERMEIRA-CHEFE - Indagar, senhor professor.
- CIRURGIÃO - Muito bem. E indagar o que?
- ENFERMEIRA-CHEFE - As condições sociais do paciente, professor.
- CIRURGIÃO - Correto. Não deve haver nenhum receio de inquirir

sobre a vida pessoal do paciente que infelizmente, muitas vezes é bem triste. Quando se sabe que um homem é obrigado a exercer uma profissão que, a curto ou longo prazo vai destruí-lo, ou seja, vai mata-lo, e quando ele é forçado a isso para não morrer de fome, nós preferimos não tomar conhecimento. Nestes casos é muito penoso indagar. (SEGUE COM AS DUAS ENFERMEIRAS ATÉ O DOENTE 2) Que há com este homem? (A ENFERMEIRA-CHEFE SEGREDA-LHE ALGO AO OUVIDO) Compreendo. (EXAMINA O DOENTE RAPIDAMENTE COM VISÍVEL MÁ VONTADE) Contusões nas costas e nas coxas. (A ENFERMEIRA VAI ANOTANDO ENQUANTO ELE DITA) Feridas abertas no abdômem. Mais alguma coisa?

- ENFERMEIRA-CHEFE - (LENDO SUA PRANCHETA) Sangue na urina.
- CIRURGIÃO - Diagnóstico de internação?
- ENFERMEIRA-CHEFE - Ruptura do rim esquerdo.
- CIRURGIÃO - Deve ser levado à radiologia. (COMEÇA A AFASTAR-SE)
- ENFERMEIRA - (FAZENDO A FICHA) Causa da enfermidade, doutor?
- CIRURGIÃO - O que é que consta na guia de internação?
- ENFERMEIRA-CHEFE - Queda na escada.
- CIRURGIÃO - Então? É isso aí. Queda na escada. Por que lhe amarraram as mãos?
- ENFERMEIRA-CHEFE - O paciente já arrancou os curativos duas vezes, professor.
- CIRURGIÃO - Por quê?
- DOENTE 1 - De onde vem o paciente e para onde vai? (TODOS VOLTAM-SE PARA ELE)
- CIRURGIÃO - (FIGANFEIA) Se o doente se mostrar inquieto, dêem-lhe morfina. (VAI PARA O DOENTE 3) E então? Está melhor? Já estamos recobrando as forças? (EXAMINA O DOENTE COM MÁ VONTADE)
- ENFERMEIRA - (QUASE SEGREDANDO) É um trabalhador. Veio do campo de concentração de Oranienburg.
- ENFERMEIRA-CHEFE - Mais um caso de doença profissional...

UM TEMPO E A LUZ SE APAGA DE UM GOLPE

A MULHER JUDIA

Noite. Uma Mulher arruma suas malas separando as coisas que pretende levar. De vez em quando retira da mala um objeto para levar outro em lugar dele. Hesita longamente diante do retrato marido, sôbre a cômoda. Pega-o e torna a larga-lo. Cansada, senta-se em cima de uma das malas com a cabeça entre as mãos. Levanta-se e liga o telefone.

MULHER - Aqui quem fala é Judith Keith. Como vai, doutor? Boa noite. Estou telefonando para avisar que terá de arranjar outra parceira para o bridge: eu vou viajar... Não, não é por muito tempo mas estarei fora algumas semanas. Vou a Amsterdam. É, a primavera lá deve ser bonita... Sim, eu tenho amigos lá... Amigos, no plural, por incrível que pareça... Como é que o senhor vai fazer para o jogo de bridge? Bem, de fato já há duas semanas que a gente não joga... Naturalmente... Pois é, e o Fritz também esteve gripado. E ir jogar bridge com o frio que tem feito não teria sentido. Foi o que disse a ele... Mas o que é isso, doutor, como é que eu ia imaginar? Sábado passado vocês estavam esperando uma visita da sua sogra. Eu sei, ora... Por que é que eu iria pensar numa coisa dessas? Não, não foi nada de repente. Eu vinha adiantando, deixando o tempo correr mas agora é necessário... Ah, sim, aquela ida ao cinema também fica para outra vez... Dê lembranças à sua senhora... Por que não chama o Fritz um domingo destes? Está bem. Até breve... É claro, com muito gosto... Até breve! (DESLIGA E DISCA OUTRO NÚMERO) Alô! Aqui é Judith Keith. Queria falar com a senhora Schoek... Lotte? Eu queria me despedir. Vou viajar daqui a pouco... Por nada, não... Vontade de ver caras novas... Pois é isso que eu queria dizer: quarta feira próxima o professor vem jantar com Fritz... Vocês também poderiam vir. Eu vou-me embora hoje à noite... Não, o fato de eu ir embora hoje à noite não tem nada a ver com o jantar... Apenas me lembrei que vocês também poderiam vir. Mesmo que eu não esteja, vocês vêm, combinado? Eu sei que vocês não são assim mas de qualquer maneira, hoje em dia, todo o cuidado é pouco... Então vocês vêm? Se o Max também pode vir? Claro que pode. Diga a ele que o professor estará aqui... Bem, eu vou me despedindo... Até breve! (DESLIGA E DISCA OUTRO NUMERO) Gertrude? Aqui é Judith? Desculpe o incômodo... Muito obrigada. Queria perguntar se você não poderia tomar conta do Fritz enquanto eu saio de viagem por uns meses... Pensei em você, por ser a irmã querida dele... Por que não havia de querer? Ninguém vai pensar nisso e muito menos o Fritz... É, ele sabe que nós duas andamos um pouco.. afastadas mas... Então, se você acha melhor, eu peço ao Fritz para lhe telefonar... Digo

a ele, sim... Está tudo em ordem, mais ou menos, mas o apartamento é um pouco grande... Não, deixe que a Vera faça a limpeza. Ela já está acostumada e Fritz se dá muito bem com ela... Ah, vou lembrar uma coisa mas por favor não me leve a mal: Fritz não gosta que falem com ele antes das refeições. Você não vai esquecer? Isso, eu sempre respeitei... Não, não vamos discutir esse assunto agora que o meu trem sai daqui a pouquinho e ainda nem acabei de arrumar as malas... Dê uma olhada no guarda-roupa dele e lembre a ele que tem de ir ao alfaiate ver o sobretudo que encomendou... E o quarto precisa estar sempre bem aquecido porque ele dorme de janela aberta e as noites começaram a ficar frias... Não, acho que não vai se zangar... Bem, agora tenho que me despedir. Muito obrigada, Gertrude e poderemos nos comunicar por cartas, se você quiser... Até breve! (DESLIGA, PENSA E DISCA OUTRO NÚMERO) É Ana? Aqui é Judith! Vou-me embora hoje, você sabe... Não, é preciso porque as coisas estão ficando cada vez mais difíceis... Não, o Fritz não quer, ele nem sabe ainda, eu é que resolvi fazer as malas... Não, não acredito. Eu não espero que ele diga muita coisa... Mas é evidente que tudo ficou difícil para ele... Não temos falado nisso... Nós nunca conversamos sobre isso, nunca! Não, mudança nenhuma... Eu gostaria que vocês olhassem um pouco por ele, nos primeiros tempos... É, principalmente aos domingos. E vejam se ele se muda de casa. Este apartamento é muito grande para uma pessoa só... Eu gostaria de passar por aí e lhe dar um abraço mas o porteiro... você sabe... Até um dia! Não, por favor, não vá à estação, de jeito nenhum! Até breve! Eu es crevo... É claro... (PÕE O FONE NO GANCHO. APAGA O CIGARRO E ANDA PELO QUARTO. COMEÇA A FALAR ENSAIANDO O PEQUENO DISCURSO QUE DEPENDERÁ DE DIZER AO MARIDO. FALA PARA UMA CADEIRA ONDE SE SUPÕE QUE O MARIDO VIRÁ SENTAR-SE) É isso mesmo, Fritz: vou-me embora. Talvez eu tenha esperado demais. Preciso que você me compreenda... (PÀRA, REFLETE E RECOMEÇA DE OUTRA MANEIRA) Fritz, você não deve impedir. Não pode fazer isso... É evidente que eu estou atrapalhando. Sei que você não é nenhum covarde, que não tem medo da polícia mas o pior não é isso. Claro que não vão mandar você para um campo de concentração mas amanhã ou depois são capazes de proibir que você vá à clínica. Você não vai dizer nada mas vai ficar decente. Eu não quero ver você aqui, sentado numa poltrona folheando revistas pra matar o tempo. Se eu vou agora é por puro egoísmo de minha parte, nada mais. Não diga nada... Não é verdade que você não mudou. Na semana passada, com toda a objetividade, você chegou à conclusão de que a percentagem de sábios judeus não era assim tão elevada. Sempre se começa pela objetividade! E por que agora vo-

cê não se cansa de me repetir que eu nunca dei provas de tanto nacionalismo judeu? Pode ser que eu também esteja ficando nacionalista. É um mal contagioso. Oh, Fritz, o que é que está acontecendo conosco?,, (PAUSA E SE RECUPERA) Eu não lhe disse que estava com vontade de ir embora há muito tempo porque quando olho pra você não consigo falar. E falar me parece tão inútil... Mas já está tudo arranjado. Só não posso entender o que há com eles, o que eles querem? Que foi que eu fiz a eles? Em política eu nunca me meti... Eu não sou uma das mulheres da burguesia que têm um certo padrão de vida? E por que de repente só as mulheres louras têm o direito de viver assim? Nestes últimos tempos eu tenho pensado muito numa coisa que há alguns anos você repetia sempre: que havia indivíduos de valor e que, em caso de diabetes, uns teriam direito à insulina e outros não... E eu concordava, de imbecíl que eu era! Agora eles estabeleceram uma nova qualificação desse tipo e eu hoje estou entre aqueles que têm valor inferior a zero. Eu bem que mereci isto! (PAUSA) Pois é, estou fazendo as malas. Não finja que não percebeu nada nestes últimos dias! Eu admito tudo, Fritz, com exceção de uma coisa: de não nos olharmos cara a cara na última hora que nos resta! Eles não têm o direito de fazer isso conosco, esses mentirosos que forçam todo o mundo a mentir. Uma vez, há uns dez anos, alguém comentou que eu não tinha jeito de judia e você respondeu imediatamente: -"Ela tem tipo de judia, sim!" E eu adorei a sua reação. Foi uma atitude limpa! Agora, por que discutir? Estou arrumando as minhas malas porque, se eu não fizer isso, não vão deixar você num cargo de chefia. Porque na clínica já tem gente que não fala com você e porque à noite você não consegue conciliar o sono. Não venha dizer que eu não preciso ir embora... Toda a minha pressa é para não escutar você dizer que eu não preciso ir embora. Questão de tempo. Caráter é uma questão de tempo. Dura mais ou dura menos, como as luvas: algumas, de boa qualidade, duram muito mas não há nenhuma que dure eternamente. Além do mais, eu já estou enojada! Estou, sim. Por que hei de dizer sempre amém? Que há de errado na forma de meu nariz ou na cor dos meus cabelos? É justo que eu tenha de abandonar esta cidade onde nasci para poderem dar a outra pessoa a minha ração de manteiga? Que espécie de homens são vocês? E você, também? Inventam a teoria dos quotas e deixam-se mandar por uns brutos que lhe acenam com a conquista do mundo mas que negam a vocês o direito de escolherem as próprias esposas. Respiração artificial e gases letais! Vocês são monstros ou lacaios de monstros! Não, eu não estou sendo razoável mas num mundo assim, de que serve a razão? Você fica aí sentado, vê sua mulher arrumando as malas e não diz nada. As paredes têm ouvidos, não é? Mas

vocês não dizem nada: uns ouvem e outros calam. Eu também
 deveria me calar. Se gostasse de você ficaria calada. E eu
 gosto muito de você... Me dê aquela roupa ali: É "lingerie"
 de luxo e vai me fazer falta. Estou com 36 anos e não posso
 me arriscar em muitas experiências. No próximo país aonde
 eu for as coisas terão de ser diferentes. O próximo homem
 que eu tiver deverá gozar do direito de ficar comigo. E não
 me diga que vai me mandar dinheiro pois você sabe que isso
 é impossível. E não faça de contas que eu vou só por três
 semanas. As coisas aqui vão durar mais de três semanas. Vo-
 cê bem sabe disso e eu também. Então não me diga: -"É ques-
 tão de algumas semanas" enquanto me alcança o casaco de pe-
 les que vou levar para usar no inverno que vem. E não vamos
 dizer que é uma desgraça. Digamos que é uma vergonha! Oh,
 Fritz! (OUVE-SE O RUIDO DE UMA PORTA. ELA AJEITA-SE ÀS
 PRESSAS, ENTRA O MARIDO)

MARIDO - Está fazendo arrumação?

MULHER - Não.

MARIDO - E essas malas são pra que?

MULHER - Quero ir-me embora.

MARIDO - Que significa isso?

MULHER - Já tínhamos combinado que eu iria passar uns tempos fora.
 Aqui as coisas não vão muito bem.

MARIDO - É um absurdo!

MULHER - Eu fico, então

MARIDO - Quer ir para onde?

MULHER - Amsterdam. Só para sair daqui.

MARIDO - Você não conhece ninguém lá...

MULHER - Não.

MARIDO - Você quer ir-se embora por quê? Se é por minha causa não há
 motivo nenhum.

MULHER - Não.

MARIDO - Você sabe que eu não mudei, não é Judith?

MULHER - Sei.

ELE TOMA-A NOS BRAÇOS. PERMANECEM CALADOS, ENTRE AS
 MALAS.

MARIDO - Não haverá alguma outra razão?

MULHER - Você bem sabe que não.

MARIDO - Talvez não seja tão errado assim. Você precisa respirar um
 pouco de ar puro. A gente aqui está sufocando. Depois eu vou
 ao seu encontro quando cruzar a fronteira. Eu me sentirei
 melhor.

- MULHER - É... você devia fazer isso.
- MARIDO - Não demora muito. De uma forma ou de outra as coisas vão mudar. É como uma inflamação, um ataque... Mas que desgraça!
- MULHER - Pois é.
- MARIDO - À que horas sai o trem?
- MULHER - Às nove e quinze.
- MARIDO - Para onde mando o dinheiro?
- MULHER - Talvez para a posta-restante, em Amsterdam.
- MARIDO - Vou conseguir uma permissão especial... Que diabo! Não posso mandar minha mulher ao estrangeiro viver com 10 marcos por mês! Que porcaria tudo isto! Eu me sinto no fundo de uma fossa!
- MULHER - Será bom se você puder ir me buscar...
- MARIDO - Poder abrir um jornal onde se tenha alguma coisa que ler...
- MULHER - Eu falei com Gertrude, pelo telefone... Ela vem ver você.
- MARIDO - Não é preciso... Por poucas semanas...

UM INSTANTE E A LUZ SE APAGA LENTAMENTE

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90070-025

TRABALHO VOLUNTÁRIO

Numa campina, um grupo de voluntários do trabalho.
Um Operário e um Estudante trabalham juntos, na fazenda.

- ESTUDANTE - Por que mandaram para o xadrez aquele baixote gordi
nho do terceiro grupo, hein?
- OPERÁRIO - O Chefe-do-Grupo disse que nos estamos aprendendo a
trabalhar e o baixinho falou, entre dentes, que se-
ria melhor se a gente aprendesse a receber o salá-
rio. Os chefes não gostaram.
- ESTUDANTE - E por que foi que ele disse isso?
- OPERÁRIO - Talvez porque já trabalha há muito tempo aqui. Com
quatorze anos já estava na mina.
- ESTUDANTE - Cuidado, lá vem o gordo!
- OPERÁRIO - Cada volta que ele passa por aqui eu tenho de ter
capinado mais de um palmo de terra.
- ESTUDANTE - Eu não consigo capinar tudo isso...
- OPERÁRIO - Se ele me pegar fazendo parte do seu trabalho, estou
frito.
- ESTUDANTE - Mas eu te dou cigarro justamente pra você me ajudar.
- OPERÁRIO - Às vezes até acho que seria uma boa se ele me pega
se...
- ESTUDANTE - Também você só quer moleza! Acha que eu vou continy
ar te dando cigarros se você não se arriscar nem um
pouco?
- OPERÁRIO - O que eu tenho de capinar pra ganhar dois cigarros...
- ESTUDANTE - Então fica sem nada.
- CHEFE-DE-GRUPO - (ENTRA E OLHA O SERVIÇO) Então, seu doutorzinho...
Está vendo agora o que é trabalho, não é?
- ESTUDANTE - Pois é, senhor Chefe-de-Grupo.
- CHEFE-DE-GRUPO - Pode agradecer esta oportunidade ao Führer.
- ESTUDANTE - Sim, senhor Chefe-de-Grupo.
- CHEFE-DE-GRUPO - E já sabem: lado a lado, ombro a ombro que aqui não
existe discriminação social. O Führer não quer di-
ferenças sociais nos campos de trabalho. Aqui não
nos interessa saber quem são os papais dos senhores.
Continuem trabalhando. (SAI)
- ESTUDANTE - Voce hoje vai capinar menos do que nós combinamos...
- OPERÁRIO - Calma... Eu vou chegar lá...
- ESTUDANTE - Hoje você não vai ganhar cigarros. Você precisa lem-
brar que existem muitos outros, iguais a você, que

OPERÁRIO

gostariam de ganhar cigarros de mim.
- (PÀRA DE CAPINAR E PENSA) É mesmo. A gente até chega
a esquecer... Como eu, há muitos...



UM TEMPO E A LUZ SE APAGA DE UM GOLPE

OS CONTRATADORES DE TRABALHO



Voltando do serviço, um Homem operário entrou na vizinha na porta de sua casa.

- VIZINHA - Boa noite, senhor Fenn. Queria pedir um pouco de pão emprestado à sua mulher mas acho que ela saiu um momentinho...
- HOMEM - Ora, é um prazer, senhora Dietz. Entre. Já soube do meu novo emprego?
- VIZINHA - Soube. Agora há trabalho para todos. O senhor está na nova fábrica de motores, não é? Garanto que fabricam bombardeiros.
- HOMEM - Em massa.
- VIZINHA - Parece que precisam deles na Espanha, não é?
- HOMEM - Por que logo a Espanha?
- VIZINHA - Não sei. Falam tanta coisa. Parece que é uma vergonha o que andam fazendo por lá.
- HOMEM - Cuidado com o que diz, senhora Dietz.
- VIZINHA - Ah, o senhor agora também está do lado deles, é?
- HOMEM - Não estou do lado de ninguém. Faço apenas o meu trabalho. Mas onde terá ido Martha?
- VIZINHA - Bem... Talvez eu deva avisá-lo. Talvez tenha acontecido algo desagradável. Quando eu cheguei justamente o carteiro estava entregando uma carta à sua mulher. Ela ficou muito nervosa com a carta...
- HOMEM - (VENDO A MULHER ENTRAR, DE LUTO) Martha! Mas que há com você? Quem morreu?
- MULHER - Franz. Leia a carta. (ENTREGA-LHE A CARTA)
- VIZINHA - Minha Nossa Senhora, mas o que foi que aconteceu com ele?
- HOMEM - (LENDO) Um acidente.
- VIZINHA - (DESCOMFORTADA) Ele era piloto, não era?
- HOMEM - Era.
- VIZINHA - E o acidente foi fatal?
- HOMEM - Em Stettin, durante um exercício de vôo noturno sobre um campo de manobras. É o que está aqui.
- VIZINHA - Acidente coisa nenhuma! A mim não me enganam.
- HOMEM - Estou lhe dizendo o que está no papel. A carta vem do comando da base aérea.
- VIZINHA - E de onde veio a última carta dele? De Stettin?
- HOMEM - (FUGINDO DO ASSUNTO) Calma, Martha. Agora não adianta mais nada.
- VIZINHA - Coitado, seu irmão é uma pessoa tão simpática... Quer que



- lhe faça um café, senhor Fenn?
- HOMEM - Ah, senhora Dietz, seria bom.
- VIZINHA - (INDO PARA O FOGÃO) Uma notícias dessas é sempre um golpe.
- MULHER - Pode ir tomar banho, Herbert. A senhora Dietz fica comigo.
- HOMEM - Tem tempo.
- VIZINHA - Ele lhes escreveu de Stettin há pouco tempo?
- HOMEM - As cartas vieram todas de Stettin.
- VIZINHA - Ah, sei. Ele também estava no sul, não é?
- HOMEM - Que quer dizer com isso, no sul?
- VIZINHA - No sul, bem longe, lá na Espanha.
- HOMEM - (PARA A MULHER QUE RECOMEÇA A CHORAR) Controle-se, Martha. (PARA A VIZINHA) A senhora não deveria falar assim, senhora Dietz.
- VIZINHA - Eu gostaria de saber o que eles responderiam se o senhor fosse a Stettin reclamar o corpo de seu cunhado.
- HOMEM - Mas eu não vou a Stettin.
- VIZINHA - Eles escondem tudo direitinho. E vira um ato de heroísmo não deixarem nada vir a público. Outro dia ouvi alguém elogiar a eficiência com que eles escondem a guerra. Chegam a fazer o seguinte: quando um avião bombardeiro é alvejado e os tripulantes saltam de paraquedas, os nossos, dos outros aviões, atiram de metralhadora nos companheiros para evitar que eles digam aos comunistas, em terra, que são alemães.
- MULHER - Me dá um copo d'água, Herbert... Não estou me sentindo bem.
- VIZINHA - Eu não queria enervá-la mas é incrível como eles escondem tudo. Sabem perfeitamente que estão cometendo um crime e que esta guerra é uma vergonha. Imaginem: acidentado durante um exercício! Que exercício? É a guerra!
- HOMEM - Faça o favor de não falar tão alto aqui, senhora Dietz. (PARA A MULHER) Melhorou?
- VIZINHA - O senhor também é um dos que cala a boca. Pois está aí: a carta é a sua recompensa.
- HOMEM - Chega, senhora Dietz!
- MULHER - Herbert!
- VIZINHA - Agora chega, não é? Como foi que o senhor arranjou um emprego? E seu cunhado, também não ~~se~~ arranjou um emprego? Pois ele se "acidentou" exatamente num desses aviões que o senhor fabrica!
- HOMEM - A senhora está indo longe demais, senhora Dietz! Eu fabrico aviões, não é? E os outros, fabricam o que? Que faz

seu marido? Lâmpadas, não é? Não é para a guerra, não é? É só iluminação? E para que a iluminação? O que é que vai ser iluminado? Tanques, talvez? Ou um navio de guerra? Ou um desses aviões? Mas seu marido só fabrica lâmpadas. Não existe mais nada que não sirva para a guerra! Onde po derei encontrar emprego se eu insistir em que meu trabalho não será para a guerra? Quer que eu morra de fome?

- VIZINHA - (BAIXO) Não estou dizendo que o senhor deve morrer de fome. É claro que tem de aceitar o emprego. Mas eu estou falando desses criminosos!
- HOMEM - E você, Martha, não pode andar assim de luto. Eles não que rem.
- VIZINHA - Não querem por causa das perguntas.
- MULHER - Você quer dizer que eu devo tirar o luto por meu irmão?
- HOMEM - Deve. Se não vou perder logo o meu emprego.
- MULHER - Pois eu não tiro. Meu irmão morreu. Vou usar luto por ele.
- HOMEM - Mas você só tem esse vestido porque Rosa comprou quando ma mãe morreu. Se não você não teria luto para vestir.
- MULHER - (GRITANDO) Não vou deixar que me proibam de usar luto! Se eles podem matar meu irmão eu pelo menos posso chorar. Onde já se viu? Nunca se viu no mundo tamanha desumanidade! São uns crimiñosos!
- HOMEM - Se você continuar falando assim podem nos acontecer coisas bem piores do que eu perder o emprego.
- MULHER - Pois pode deixar que venham me buscar! Eles também têm cam po de concentração para mulheres, não têm? Pois deixe me internarem porque eu choro quando meu irmão é assassinado. Ele não tinha nada que fazer na Espanha!
- HOMEM - Pare de falar na Espanha!
- VIZINHA - A senhora está procurando a própria desgraça, senhora Fenn!
- MULHER - Temos que calar a boca pra você não perder o emprego? Por que morreremos de fome se não construirmos os aviões de bombardeio? E tudo isso pra que? Pra depois morreremos tam bém como Franz? Eles arranjam um emprego para ele, não foi? Um emprego de sete palmos embaixo da terra. Pra isso ele não precisava ter ido pra lá!
- HOMEM - Fique quieta. Isso não adianta nada!
- MULHER - E o que é que adianta? E por que você não faz, então, aqui lo que adianta?

AJUDA DE INVERNO

Em casa de uma Velha senhora. Entram dois
um pacote da Ajuda de Inverno.



- S.A. 1 - Olhe, vovó, é um presente do Führer!
- S.A. 2 - Para não dizerem que ele não se preocupa com vocês!
- VELHA - Muito obrigada, muito obrigada! Batatas, Erna! E uma saia de lá! Maçãs, também!...
- S.A. 1 - E uma carta do Führer com uma coisa dentro. Não quer ver o que é?
- VELHA - (ABRINDO O ENVELOPE) Uma nota de 5 marcos!... E agora, Erna, o que é que você diz?
- S.A. 2 - É a Ajuda de Inverno!
- VELHA - Meu filho, você vai aceitar uma maçãzinha e o seu colega também, por nos terem trazido tudo isso e ainda subirem tantos degraus de escada! Eu não tenho outra coisa a oferecer... Também vou comer uma maçã! (OS SOLDADOS JÁ ESTÃO COMENDO ENQUANTO A VELHA MORDE UMA MAÇÃ) Era, tome uma! Não fique aí parada feito uma boba! Você está vendo que não é como o seu marido diz...
- S.A. 1 - O que é que o marido dela diz?
- ERNA - Nada, é bobagem da velha...
- VELHA - Bobagem, nada! Ele diz, sim! Não é nada de grave e o que ele diz qualquer um pode dizer... Que os preços aumentaram um pouco, ultimamente... Ela calculou, pelo caderno de despesas, que este ano gastou em comida 123 marcos mais do que no ano passado... Não foi, Erna? (PERCEBE QUE OS SOLDADOS ESTÃO ATENTOS) Mas é claro que o dinheiro do aumento da comida é necessário para reequipar o país, não é?... Que foi? Eu disse alguma coisa errada?
- S.A. 1 - Moça, onde é que está escondido o seu livro de despesas?
- ERNA - Na minha casa! Mas eu não mostro pra ninguém!
- VELHA - Não vão brigar com ela so porque toma notas das despesas, não é?
- S.A. 1 - E por andar espalhando calúnias também não devemos brigar?
- S.A. 2 - Bem que quando nós entramos eu não ouvi ela dizer "Heil Hitler". Você ouviu?
- VELHA - É claro que ela disse "Heil Hitler" e eu também disse "Heil Hitler"!
- S.A. 1 - Camarada, acho que caímos num ninho de subversivos! Precisamos ver de perto esse caderno de despesas, moça... Vamos até a sua casa! (AGARRA ERNA PELO BRAÇO)

VELHA - Mas ela está grávida de três meses! Não podem fazer coisa dessas!... Vocês mesmos trouxeram os presentes e additaram as maçãs... Erna! Eu juro que ela disse "Heil Hitler"! Que é que eu vou fazer agora? Heil Hitler! Heil Hitler!
(COSPE A MAÇA QUE ESTAVA COMENDO) Heil Hitler! Heil Hitler!

LUZ VAI APAGANDO LENTAMENTE

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

DOIS PADEIROS



No pátio de um campo de concentração, os detentos andavam em círculo. Cada vez que passam pela parte da pátio, dois deles trocam palavras em voz baixa.

PADEIRO 1 - Você é novo aqui, não? É padeiro?

PADEIRO 2 - Sou. Você também é?

PADEIRO 1 - Sim. Por que foi preso?

PADEIRO 2 - Cuidado!

DÃO UMA VOLTA COMPLETA E SE REENCONTRAM

PADEIRO 2 - Fui preso agora porque não misturava farinha de milho na farinha de trigo. E você? Está aqui há muito tempo?

PADEIRO 1 - Há dois anos.

PADEIRO 2 - E está aqui por que? Cuidado!

DÃO OUTRA VOLTA E SE REENCONTRAM

PADEIRO 1 - Estou preso há dois anos porque misturava farinha de milho na farinha de trigo. Naquele tempo, isso era crime de falsificação de produtos alimentícios...

PADEIRO 2 : Ahn... Cuidado!

RECOMEÇAM OUTRA VOLTA.

A LUZ SE APAGA DE GOLPE

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

O CAMPONÊS DÁ DE COMER À PORCA



Um pequeno sítio. Noite. Em frente ao chiqueiro, nês conversa com a Mulher.

CAMPONÊS - Você deixou as crianças lá na frente, cuidando?

MULHER - Sim.

CAMPONÊS - Eu não queria meter vocês nisso mas ficaram me vigiando... Agora você e as crianças vão ter de ficar de bico calado. senão eu vou parar na prisão de Landsberg para o resto da vida. Não é crime dar de beber aos bichos, se eles têm se de... Mas comida é proibido. Nosso Senhor não gosta de ver uma criatura com fome. E quando um bicho tem fome, o bicho berra e eu não aguento ouvir a porca berrar de fome no chiqueiro. Mas não tenho autorização para dar comida à porca. O Governo não quer. Mas eu dou, porque se eu não der ela vai morrer e quem vai ter prejuizo sou eu... Ninguém vai me indenizar.

MULHER - É isso mesmo. O grão é nosso. Essa canalha não tem nada de ficar nos mandando fazer isso ou não fazer aquilo. Mandaram embora os judeus e agora o Governo é o maior judeu de todos! O padre disse: -"Vocês não devem amarrar a boca do bicho que berra de fome." Ele quiz dizer com isso que nós podemos continuar alimentando nossos bichos. Não fomos nós que fizemos o tal Plano Quadrienal. Ninguém nos perguntou nada.

CAMPONÊS - É isso mesmo: os caras não são a favor dos camponeses e os camponeses não são a favor dos caras. Querem que eu entregue o grão de graça e compre deles a ração para bois por um preço bem alto. Só para o Bigodinho poder comprar canhões.

MULHER - É isso mesmo. (VENDO QUE A RAÇÃO ESTÁ PRONTA) Toni, Mari, cuidem bem agora! Se vier alguém, avisem!

O CAMPONÊS OLHA EM VOLTA, COM DESCONFIANÇA, ENQUANTO DERRAMA A LATA NO COCHO, DENTRO DO CHIQUEIRO. A MULHER TAMBÉM VIGIA.

CAMPONÊS - Pronto, Lina, pode comer à vontade. Heil Hitler! (TERMINA DE DERRAMAR E VOLTA-SE PARA A FRENTE LIMPANDO O SUOR) Quando tem bicho com fome... é porque não tem Governo!

A LUZ SE APAGA DE UM GOLPE

A HORA DO TRABALHADOR



Escritório de um Gerente de fábrica. Uma rádio-recebe conversa com um Operário de meia-idade, um mais Velho e uma Mulher. Ao fundo, o Gerente observa.

REPORTER - Encontramo-nos aqui nesta fábrica, em meio ao ruído das máquinas operatrizes, rodeados de camaradas imperturbáveis, ocupados no atento e disciplinado trabalho industrial, contribuindo para prover nossa pátria idolatrada de todos os bens de que ela necessita. Estamos hoje de manhã na Tecelagem Fuchs Limitada. Embora o trabalho se ja difícil e pesado, vemos em nosso redor caras alegres e satisfeitas. Mas vamos passar a palavra aos nosso com panheiros. (AO VELHO) O senhor está na empresa há vinte e um anos, não é senhor...

VELHO - Sedelmaier.

REPORTER - Sedelmaier. Muito bem, senhor Sedelmaier. Explique aos nossos ouvintes como é possível aqui só se verem caras alegres e descontraídas?

VELHO - (PENSA UM POUCO) É que eles vivem soltando piadas.

REPORTER - (RISO AMARELO) Ah, sei... Muito bem. Então as piadas se vem para estimular o trabalho e torná-lo mais leve, não é isso? O regime nacional-socialista não conhece o pessimismo, não é isso que o senhor quer dizer? Antes era diferente, não era?

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

VELHO - Ah, sim... Muito diferente...

REPORTER - (CORTANDO) No velho regime o trabalhador não tinha motivos para rir, não é? Todos se perguntavam: "Para que trabalhamos?"

VELHO - (EM CIMA) É... tem uns que dizem isso.

REPORTER - Como? Ah, o senhor se refere aos cínicos, que sempre existem em qualquer lugar embora hoje eles tendam a diminuir pois também eles já se deram conta de que não adianta o sarcasmo pois tudo é progresso no Terceiro Reich, desde que um pulso firme assumiu a direção do país. É isso mesmo o que está querendo dizer aqui a senhorita...

MULHER - Schmidt.

REPORTER - Senhorita Schmidt. Em qual das nossas gigantescas máquinas de aço a senhorita trabalha?

MULHER - (DE COR) Nossa tarefa inclui também a decoração do local de trabalho que nos traz muita alegria. O retrato do Führer foi adquirido graças a uma doação coletiva e voluntária da qual muito nos orgulhamos. Também nos orgulhamos dos canteiros de gerânios que trazem um pouco de cor ao

ao cinzento local de trabalho, o que aliás foi uma surpresa para a senhorita Kinze.

- REPORTER - Quer dizer que vocês enfeitam o recinto da fábrica com flores, essas belas criaturinhas dos campos? E além disso, de que forma mudou a vida na fábrica desde que o destino alemão tomou outro rumo?
- GERENTE - (SOPRANDO) Os banheiros!
- MULHER - Os novos banheiros foram uma sugestão pessoal do diretor Bauschle, a quem aproveitamos o ensejo para agradecer sinceramente. Todos podem se lavar nos novos banheiros, isto é, quando não há muita gente nem confusão...
- REPORTER - Ah, todo mundo quer chegar primeiro, não é? Deve ser muito engraçado.
- MULHER - Ah, muito engraçado: são só seis torneiras para quinhentas e cinquenta e duas colegas. Aí vira uma bagunça porque tem algumas que são caras-de-pau.
- REPORTER - Ah, sim... mas tudo se passa dentro da maior harmonia, não é? E agora vai nos dizer algo o senhor...
- OPERÁRIO - Mahn.
- REPORTER - Mahn. Senhor Mahn, diga-nos por favor qual foi a influência que teve no espírito de seus colegas o aumento de vagas e empregos na sua fábrica?
- OPERÁRIO - O que é que o senhor quer dizer com isso?
- REPORTER - Ora, eu pergunto se o pessoal está contente com o aumento da produtividade, agora que todas as máquinas funcionam e todos têm trabalho...
- OPERÁRIO - Ah, sim...
- REPORTER - Agora, no fim de semana, todos podem levar para casa os seus salários, não é? Não podemos nos esquecer disso.
- OPERÁRIO - Ah, não.
- REPORTER - E nem sempre foi assim, não é? No antigo regime muitos companheiros eram obrigados a viver da caridade pública, contentando-se com esmolas.
- OPERÁRIO - A gente ganhava dezoito marcos e cinquenta, sem descontos.
- REPORTER - Ah, é... pois é... Não tinham muito o que descontar...
- OPERÁRIO - Agora, sim. Agora tem muito mais desconto!
- REPORTER - Pois é isso! Agora todos têm pão e trabalho no Terceiro Reich, não é mesmo, senhor... Como é mesmo o seu nome? Mahn, não é? Agora não existe nenhuma máquina parada e nenhum braço desocupado na Alemanha de Adolf Hitler, não

é assim? (EMPURRA BRUTALMENTE O OPERÁRIO PARA LONGE DO MICROFONE) Na cooperação alegre dos trabalhadores intelectuais e braçais caminhamos para a reconstrução da amada pátria alemã! Heil Hitler!



A LUZ SE APAGA DE GOLPE

O PLEBISCITO

Uma casa de trabalhadores. Um operário Velho, um Jovem e uma Mulher. Ouve-se no rádio um ruído de um jubilo in descritível: sinos tocam e roncam motores de aviões. Um locutor fala permanentemente.

MULHER - Parece um mar.

VELHO - É... E ele está ganhando, sempre ganhando.

JOVEM - E nós estamos perdendo.

MULHER - Pois é.

JOVEM - Escutem como o povo grita! Parece que estão ganhando um presente.

VELHO - E estão, mesmo: estão ganhando um exército invasor, que acaba de entrar em Viena.

JOVEM - E logo depois virá o plebiscito: "Um só povo, um só Reich, um só Führer! Não é isso o que você quer, povo alemão?" E nós não podemos sequer distribuir uns volantes durante o plebiscito.

MULHER - E por que não?

JOVEM - É muito perigoso.

VELHO - E agora que Karl foi preso não temos nem a relação de endereços.

JOVEM - Não temos nem quem nos prepare os textos.

MULHER - (INDICANDO O RÁDIO) Ele dispõe de cem mil homens para o ataque e nós não temos nenhum. Paciência. Se ele tem o que precisa vai acabar ganhando.

JOVEM - (COM DESALENTO) Então... Karl também não faz falta.

MULHER - (REAGINDO) Se vamos acabar caindo nesse estado de espírito então é melhor nos separarmos.

VELHO - Camaradas, não adianta fingirmos para nós mesmos. O fato é que publicar um panfleto, um volante, está cada dia mais difícil. Não podemos fingir que não estamos ouvindo essa euforia da vitória. (PARA A MULHER) Você não vai negar que os nossos camaradas, ouvindo isso, podem pensar que o regime está cada vez mais vitorioso, cada vez mais forte, não é? Não parece mesmo um povo vitorioso, jubiloso?

MULHER - Parece mais um bando de vinte mil bêbados encharcados de cerveja.

VELHO - O problema é que, possivelmente, nós somos os únicos a pensar assim...

MULHER - (COM CORAGEM) Sim. Nós e os iguais a nós! (PROCURA DESAMASSAR UM PAPEL DOBRADO)

VELHO - Que é isso?

MULHER - Cópia de uma carta do meu marido. Com todo esse barulho minha voz soa mais alto. (LÊ) "Filho querido! Amante não estarei mais com vida pois a execução costuma ser às seis horas da manhã. Escrevo ainda pois quero que você saiba que minhas opiniões, meus ideais permanecem os mesmos. Não pedi clemência porque não cometi crime nenhum. Apenas servi à minha classe. Pode parecer que não consegui nada com isso, mas não é verdade. Cada um no seu lugar, este deve ser o lema! Nossa tarefa é muito difícil mas é a maior que existe: libertar dos opressores a humanidade. Sem isso a vida não tem valor. Só isso conta. Se não pensarmos sempre nisso a humanidade cairá no barbarismo. Você ainda é pequeno mas é sempre bom saber de que lado está. Fique com sua classe, assim seu pai não terá sofrido um trágico destino em vão, pois não foi nada fácil. Tome conta da mãe e dos irmãos. Você é o mais velho. Seja consciente. Saudações a todos, do pai que muito bem lhe quer..."

VELHO - Não somos tão pouco assim...

JOVEM - Então, de qualquer maneira, vamos fazer o volante para distribuição no dia do plebiscito! Mas o que poderíamos dizer?

MULHER - Poderíamos dizer uma única palavra: "Não!"

UMA PAUSA E A LUZ SE APAGA DE GOLPE

O VELHO COMBATENTE

Uma praça com pequenas lojas em uma cidade da província. Um açougue e uma leiteria. Manhã fria de inverno. O açougue ainda está fechado. Na leiteria, também fechada, já tem luz. Defronte a ela esperam alguns frequentes.

- PEQUENO BURGUESES - Parece que hoje não vai haver manteiga, não é?
- HOMEM - O pouco que posso comprar, com o que ganho, devia haver.
- RAPAZ - Deixe de reclamar, ora essa! A Alemanha precisa é de canhões e não de manteiga... Isso ele já disse e está mais do que certo.
- HOMEM - (EVITANDO) Está bem...
- RAPAZ - O senhor acha que a manteiga teria nos permitido ocupar os territórios da Renânia? Todo mundo gostou da ocupação mas ninguém quer se sacrificar.
- PEQUENO BURGUESES - Espera lá... Nós todos nos sacrificamos.
- RAPAZ - Como assim?
- PEQUENO BURGUESES - (AO HOMEM) O senhor não sempre alguma coisa nas coletas?
- HOMEM - (HUMILDE) Sim.
- PEQUENO BURGUESES - Pois então. Ele dá. Nós também. Voluntariamente.
- RAPAZ - Nós sabemos como é. Cada tostão parece que vem amarrado com um barbante... Todo mundo espera um momento pra ver se dá pra puxar de volta... Isso quando o Führer necessita de apoio maciço para as suas grandiosas tarefas. Na coleta da Ajuda de Inverno só dão farrapos. Nós conhecemos essa gente. O industrial alo do numero 11 teve a grandiosidade de oferecer um par de botas de montar... furadas.
- PEQUENO BURGUESES - Esse pessoal é imprudente!
- VENDEDORA - (SAINDO DA LEITERIA) Já vamos abrir. (AO HOMEM) Bom dia, senhor Ruhl. Já soube? Ontem à noite vieram buscar o jovem Lettner, o vizinho aí do lado.
- HOMEM - O açougueiro?
- VENDEDORA - O filho.
- HOMEM - Mas ele não estava na S.A.
- VENDEDORA - Estava. E o pai é do partido desde 1929 e só não foi preso também porque tinha ido a um leilão de gado. Se não, também ia...
- PEQUENO BURGUESES - E foi que eles fizeram?

- VENDEDORA - Aumentaram o preço da carne. Não recebiam mais mercadorias nos últimos tempos. Tinham de mandar nos fridges embora sem nada. Parece que andavam comprando carne no mercado negro. E parece que compravam de um judeu!
- RAPAZ - Bem feito! Tinham mesmo de ser preso!
- VENDEDORA - O velho era dos mais fanáticos! Uma vez chegou a denunciar os Zeisler, do número 15, só porque não assinavam o jornal nazista... Era um velho combatente!
- HOMEM - Com que cara ele vai receber o filho, quando voltar.
- VENDEDORA - Se voltar.
- PEQUENO BURGUEZ * Esse pessoal é muito imprudente!
- HOMEM - Então acho que hoje não vão abrir o açougue.
- VENDEDORA - É o melhor que eles fazem. Quando a polícia aparece sempre encontra alguma coisa, não é mesmo? E é tão difícil conseguir mercadoria hoje em dia! Só a cooperativa pode vender e lá é tudo tão difícil. (PARA TODOS) Bem hoje não há creme de leite! (HÁ UM MURMÚRIO DE DECEPÇÃO NA FILA ENQUANTO ELA VOLTA A FALAR BAIXO) Os Lettner parece que hipotecaram a casa. Pretendiam anular a hipoteca ou coisa parecida.
- PEQUENO BURGUEZ - Mas isso é demais... Não se pode anular uma hipoteca! É querer muito!
- HOMEM - O jovem Lettner parecia um rapaz tão quieto, não?
- VENDEDORA - O velho é que era terrível. Obrigou o rapaz a entrar para a S.A. Ele, é claro, preferia mil vezes sair com a namorada...
- RAPAZ - Por que a senhora diz "terrível"? Que quer dizer com isso?
- VENDEDORA - Eu disse isso? Bem, quero dizer, terrível ele sempre foi. Não permitia que se dissesse nada contra as idéias dele. Falava sempre do grande ideal alemão e criticava o egoísmo de certas pessoas.
- PEQUENO BURGUEZ - Está na hora da senhora abrir a Leiteria...
- HOMEM - Eles precisavam ganhar a vida, não é?
- ACENDE-SE UMA LUZ NO AÇOUQUE. DELE SAI A MULHER DO AÇOUQUEIRO, CORPULENTA, PÁRA NA CALÇADA E EXAMINA A RUA COMO QUEM PROCURA ALGUMA COISA. FALA COM A VENDEDORA)
- AÇOUQUEIRA - Bom dia, senhora Schlichter. Viu o meu filho? Já devia estar aqui com a carne há muito tempo!

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

A VENDEDORA NÃO RESPONDE. TODOS A ENCARAR, TORNAM-SE
A AÇOUGUEIRA ENTENDE E ENTRA, RÁPIDA, NO AÇOUGUE.



VENDEDORA

- Está fingindo que não aconteceu nada. Nós sabemos sabendo por causa do escândalo que o velho fez ante-ontem, gritando tão alto que do outro lado da praça se escutava. Foi isso que os prejudicou.

HOMEM

- Pois eu confesso que não ouvi nada.

VENDEDORA

- Não, mesmo? Pois o velho se recusou a pendurar na vitrine o presunto de massa, de fantasia, que os homens trouxeram. Ele tinha encomendado o presunto e como não recebeu nada deixou a vitrina, via uma semana inteira. Só deixou lá a tabela de preços. Quando trouxeram esse presunto de massa, muito bem feito aliás, com esse material com que fazem o roto das bonecas, junto com mais um quarto de vitela também de massa, ele começou a gritar que não ia pendurar fingimento nenhum na sua vitrina... e outras coisas que não posso repetir. Coisas contra o governo. Aí ele jogou o presunto e a vitela no meio da rua. Os homens tiveram que pegar de volta, tudo sujo de lama...

HOMEM

- Ts, ts, ts...

PEQUENO BURGUEZ

- Esse pessoal é mesmo imprudente!

HOMEM

- Por que é que as pessoas de repente ficam assim fora de si, não é mesmo?

VENDEDORA

- E olha que são os mais fanáticos! (ACENDE-SE UMA LUZ NO AÇOUGUE) Olhem! (NERVOSA, MOSTRA A VITRINA)

HOMEM

- Parece que tem alguma coisa na vitrina!

VENDEDORA

- É o velho Lettner! De casaco! E onde é que ele está trepado? (GRITA) Senhora Lettner!

AÇOUGUEIRA

- Que foi?

A VENDEDORA MOSTRA À AÇOUGUEIRA A VITRINA, MUDA. A AÇOUGUEIRA GRITA E CAI DESMAIADA NOS BRAÇOS DO RA-PAZ E DO BURGUEZ ENQUANTO HOMEM E VENDEDORA CORREM PARA O AÇOUGUE.

HOMEM

- (ANTES DE ENTRAR) O velho Lettner se enforcou na vitrina!

PEQUENO BURGUEZ

- Parece que ele tem um letreiro pendurado no peito.

RAPAZ

- É a tabela de preços. Mas tem alguma coisa escrita.

HOMEM

- (COM A TABOLETA) Ele escreveu: "E eu votei em Hitler".



Hoje, quando se olha para trás, parece que foi um sonho. Melhor, um pesadelo. Guerra, racionamento, prisões e torturas, campos de concentração e câmaras de extermínio, tudo parece sair de uma mente escabrosa a produzir contos fantásticos. Entretanto, foi real e muitas das práticas nazistas materializam-se ainda em nossos tempos nos regimes arbitrários que dominam vários países do mundo. Contudo, continuamos a olhar para estes fatos como se obra de ficção fosse. Para a grande maioria das pessoas mergulhadas em profundo sono hipnótico, vivendo de fantasias televisivas e desinformações programadas para confundí-las, esta realidade não existe. Nunca existiu

Quando a Europa acordou, porém, quando o mundo despertou e retirou as suásticas de seus pavilhões foi possível descortinar o que se passava nos bastidores daquele sistema de governo de força, daquela estrutura corrompida supostamente montada para salvar o povo alemão.

Perderam a grande guerra, os nazistas, mas suas idéias e suas técnicas sobreviveram e espalharam-se pelo mundo possibilitando que elites raciais em vários países dominem seus povos. Como a própria Alemanha tornou-se uma colônia explorada pelos nazistas, outras nações foram colonizadas pelas classes dominantes. As populações hipnotizadas se deixam conduzir pelos mesmos discursos da mentira, pelos mesmos engodos dos planos de salvação nacional, projetos que se sucedem e nunca dão certo pois são feitos apenas para perpetuar uma elite no poder.



Quadro 1 - CRUZ DE GIZ

A máxima "o homem é o lobo do homem" é aplicada ao extremo. O governo nomeia seus "fiscais" e incentiva um estado policialesco. Enquanto todos estiverem perseguindo-se uns aos outros, a direita adona-se dos bens públicos e usa a máquina administrativa e o poder econômico do governo para atender seus desígnios. Homens e mulheres imaturos, enlevados na fantasia de um Estado super-protetor, ficam cada vez mais desprotegidos e a mercê dos gananciosos.

Quadro 2 - DOENÇA PROFISSIONAL

Forma-se a conspiração do silêncio. Ninguém vê, ninguém ouve, ninguém fala nada que possa desmistificar a ilusão em que todos vivem imersos. Tudo é progresso, tudo vai dar certo, tem que dar certo, e se uma minoria insiste em apontar os erros existem métodos e porões à prova de som onde sempre alguém pode cair...da escada.

Quadro 3 - A MULHER JUDIA



Agora vejam a reação de um deles, apenas mais um desses que se submete às pressões e se curva diante do poder. Tiraram-lhe a mulher judia, podem roubar-lhe qualquer coisa, a vida inclusive, e de bom grado ele a trocará por uma ilusão. Até pela ilusão de que tudo passará em breve, questão de horas, dias, semanas, meses. Anos? Anos ou décadas.

Quadro 4 - TRABALHO VOLUNTÁRIO

Arma-se um circo demagógico onde todos teriam as mesmas chances, o pobre operário e o filhinho de papai. Como no trabalho voluntário em troca de comida ruim e um par de botas. Os filhinhos de papai, depois de um ano nesse serviço obrigatório, poderão retornar aos seus afortunados lares. Os pobres prefeririam ter um salário.



Tudo pode ser escondido, a verdade pode ser forjada a todo momento e mesmo os que desconfiam não ousam proferi-la. É melhor calar ou, melhor ainda, dar crédito às versões oficiais. O homem precisa de um emprego mesmo que trabalhar signifique fabricar sua própria morte.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Quadro 6 - AJUDA DE INVERNO

Estão sempre a oferecer esmolas, passando adiante o que tiraram de outras gentes. Quando dão um pouco de comida ao pobre o fazem com trompetas e estardalhaço mas espalham a morte na calada da noite silenciosa. Todos engolem em seco, ninguém reage.

Quadro 7 - DOIS PADEIROS



Eles fazem as leis e sempre acham culpados. Se os programas não funcionam, se os planos falham, não faltam bodes expiatórios para pagar pelos erros do desgoverno. Sempre encontram pobres-diabos para comer o pão que o diabo amassou.

Quadro 8 - O CAMPONÊS DÁ DE COMER À PORCA

O colono tem que se adaptar à nova situação. Se o preço do leite não compensa, mata a vaca. Mas existe um limite, ele sabe que sua própria sobrevivência depende do seu trabalho, dos animais que produzem. Então, ele tem que burlar a lei para salvar até mesmo uma porca.



Os meios de comunicação social não passam de meros veículos de propaganda do governo. O povo não confia e mesmo quando fala ao microfone não ouve sua própria voz. Cala sua verdade pois entre a boca e o aparelho há uma ameaça velada.

Quadro 10 - PLEBISCITO

Um dia a Alemanha anexou a Áustria. O povo foi chamado a votar e os nazistas ganharam. Venceu a ilusão, a fantasia que os transformaria, num passe de mágica, numa grande e respeitável nação. Mas tudo tem seu preço. Uns pagaram na guerra, outros nesta falsa paz da guerra fria onde a maioria perde para que uma minoria se locuplete. Sempre e sempre, a história se repete.

Quadro 11 - O VELHO COMBATENTE



Olhem para êles, os eleitores que, em massa, escolheram o regime que os tortura. Não têm pão, não tem leite, não tem manteiga, falta carne, as prateleiras dos supermercados ficam vazias e aumentam as filas de desempregados. Eles votaram um dia e, sem se darem conta, perderam.

Quadro 12 - O ESPIÃO

Impera agora o regime de terror. Em cada cidadão um espião, um "fiscal" do governo, um delator. A criança entrega o próprio pai, ela busca o carrasco e o traz a sua casa e ficam olhando quando levam o velho de mãos algemadas. Todos entregam-se ao julgamento de governantes que buscam culpados para esconder seus próprios erros.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

" O ESPIÃO "



Tarde chuvosa de domingo. Homem, Mulher e Menino, depois do almoço. Entra a Empregada.

- EMPREGADA - O senhor e a senhora Klimbtsch ao telefone, perguntam se os patrões estão em casa.
- HOMEM - (RÁPIDO) Não.
- MULHER - (DEPOIS QUE A EMPREGADA SAI) Você devia ter atendido. Eles sabem que ainda estamos em casa.
- HOMEM - Por que não podemos ter saído?
- MULHER - Porque está chovendo.
- HOMEM - Isso não é motivo.
- MULHER - E onde teríamos ido? Eles vão se perguntar.
- HOMEM - Há uma porção de lugares aonde poderíamos ter ido.
- MULHER - Então por que não saímos?
- HOMEM - Para onde?
- MULHER - (DESISTINDO, NUM SUSPIRO) Pena que está chovendo.
- HOMEM - E onde iríamos se não chovesse?
- MULHER - Antigamente a gente podia se encontrar com alguém. (PAUSA) Você devia ter ido ao telefone. Agora eles vão saber que não queremos vê-los.
- HOMEM - Deixa eles saberem.
- MULHER - É chato nos afastarmos deles justamente agora quando todo mundo fez a mesma coisa.
- HOMEM - Não nos afastamos deles.
- MULHER - Então por que eles não podem vir aqui?
- HOMEM - Porque eu acho esse Klimbtsch um chato.
- MULHER - Antigamente você não achava.
- HOMEM - Antigamente! Pare com isso! Me dá aflição esse seu eterno "antigamente".
- MULHER - Seja como for, antigamente você não o teria cortado só por causa do processo da Fiscalização Escolar cintra ele.
- HOMEM - Então telefone e diga a eles que acabamos de voltar por causa da chuca.
- MULHER - (PAUSA. ELA NÃO SE MOVIMENTA) Vamos convidar os Lemkes para vir aqui?
- HOMEM - Para eles nos dizerem de novo que não apreçiamos bastante a nossa defesa antiaérea?
- MULHER - (AO MENINO) Klaus-Heinrich, desligue esse rádio!

(O MENINO DESLIGA O RÁDIO E PEGA O JORNAL)



- HOMEM - Logo hoje, essa chuva! Não se pode viver num país onde um dia de chuva é uma catástrofe!
- MULHER - Que graça você vê nesse tipo de observação?
- HOMEM - Dentro das minhas quatro paredes posso dizer o que bem entender. Em minha própria casa não admito censura porque... (INTERROMPE O QUE ESTÁ DIZENDO QUANDO ENTRA A EMPREGADA PARA APANHAR AS XÍCARAS DE CAFÉ. ENQUANTO ELA ESTÁ PRESENTE NINGUÉM FALA) Somos mesmo obrigados a ter uma empregada que é filha do Fiscal-do-Quartelão?
- MULHER - Da última vez que falamos nesse assunto você disse que isso até poderia ter suas vantagens.
- HOMEM - Sei lá se eu disse isso! Mas se você repetir minhas palavras para todo mundo, até para sua mãe, verá em que bela situação ficaremos.
- MULHER - O pouco que falo com minha mãe...
(A EMPREGADA ENTRA PARA SERVIR O CAFÉ E O ASSUNTO SE INTERROMPE NOVAMENTE)
- MULHER - Pode deixar, Erna, que eu mesma sirvo.
- EMPREGADA - Está bem, madame. (SAI)
- MENINO - (LEVANTA OS OLHOS DO JORNAL) Todos os padres fazem isso, papai?
- HOMEM - Isso o que?
- MENINO - O que está escrito aqui.
- HOMEM - O que é que você está lendo? (ARRANCA-LHE O JORNAL)
- MENINO - Nosso Chefe-de-Grupo disse que nos todos podemos saber o que diz este jornal.
- HOMEM - Não me interessa o que diz o seu Chefe-de-Grupo. Eu decido o que você pode ler ou não.
- MULHER - (PEGA UMA MOEDA DE UMA CAIXINHA) Tome, Klaus-Heinrich e vá lá fora comprar alguma coisa para você.
- MENINO - (APANHA A MOEDA MAS FICA INDECISO, OLHANDO PARA FORA) Mas está chovendo...
- HOMEM - Se não pararem com esses artigos sobre os proçessos contra os padres, vou cancelar a assinatura desse jornal.
- MULHER - E que outro jornal vai assinar? Todos trazem as mesmas coisas.
- HOMEM - Pois se todos os jornais trazem essas porcarias, vou parar de ler jornal. Não vou ficar ainda mais ignorante sobre o que vai pelo mundo.
- MULHER - Até que não é mau fazer esses expurgos.
- HOMEM - Que expurgos! Isso é pura política!



- MULHER - Para nos é indiferente. Somos protestantes.
- HOMEM - Mas para o povo não é indiferente. Eles nunca vão poder pensar numa sacristia sem se lembrar dessas infâmias.
- MULHER - Mas o que é que se pode esperar deles? Essas coisas acontecem.
- HOMEM - O que se pode esperar? Que eles olhem para o próprio telhado de vidro. Ouí dizer que na própria Casa Marron as coisas não são muito limpas.
- MULHER - Mas, Karl, isso apenas vem provar que o nosso povo está se curando de seus males!
- HOMEM - Curando-se de seus males? Bela cura! Se isso é cura eu prefiro a doença.
- MULHER - Você está muito nervoso, hoje. Aconteceu alguma coisa no colégio?
- HOMEM - O que haveria de acontecer no colégio? E pare de dizer que estou nervoso! É isso que me enerva.
- MULHER - (REFLETE) Por que será que brigamos tanto, Karl? Antigamente...
- HOMEM - Já estava demorando. "Antigamente!" Nem antigamente nem hoje eu gostaria que a imaginação de meu filho fosse envenenada com essas coisas.
- MULHER - Onde está ele?
- HOMEM - Como é que eu posso saber?
- MULHER - Você viu o menino sair daqui?
- HOMEM - Eu, não.
- MULHER - Não entendo como ele pode ter saído sem ser visto. (CHAMA) Klaus-Heinrich! (SAI DE CENA E CONTINUA CHAMANDO. VOLTA PARA A SALA) Saiu mesmo!
- HOMEM - E que tem isso de extraordinário?
- MULHER - Está chovendo a cântaros!
- HOMEM - E você fica assim nervosa só porque o menino saiu?
- MULHER - De que é mesmo que nós estávamos falando?
- HOMEM - Que tem isso a ver?
- MULHER - Nos últimos tempos você não tem mais controle no que diz.
- HOMEM - Não acho que me tenha descontrolado. Mas, mesmo assim, o que tem a ver o meu possível descontrole com o fato do menino ter saído?
- MULHER - Você bem sabe que eles escutam.
- HOMEM - E daí?
- MULHER - E daí? E se ele for contar? Sabe o que ensinam aos gar-

tos na Juventude Hitlerista? Eles são abertamente estimulados a contar tudo o que ouvem em casa. E não devia de ser estranho ele ter saído daqui tão de mansinho.

- HOMEM - Bobagem. Ele ficou uma porção de tempo olhando para fora.
- MULHER - Gostaria de saber o que foi que ele ouviu.
- HOMEM - Mas ele sabe o que acontece às pessoas que são denunciadas por alguém.
- MULHER - Lembra aquele garoto de quem falaram os Schmulkes? Parece que o pai dele continua no campo de concentração. Se eu soubesse até que ponto ele escutou a nossa conversa...
- HOMEM - Mas tudo isso é loucura! (SAI DE CENA QUASE CORRENDO, PARA O OUTRO LADO E CHAMA O MENINO. VOLTA LENTAMENTE)
- MULHER - Não posso acreditar. Ele não iria lá sem nos dizer uma única palavra. Ele não é assim.
- HOMEM - Vai ver que foi à casa de um colega.
- MULHER - Então só poderia ser nos Mummermanns. Vou ligar para lá.
- HOMEM - (ENQUANTO A MULHER DISCA) Para mim é alarme falso.
- MULHER - (AO TELEFONE) Senhora Mummermann? Aqui é a esposa do assessor Furcke. Boa tarde. Klaus-Heinrich está aí em sua casa? Não? Então não sei onde ele pode estar. Diga-me uma coisa, senhora Mummermann, a sede da Juventude Hitlerista fica aberta aos domingos à tarde? Sim? Ah, muito obrigada. Então vou perguntar lá. (DESLIGA. OS DOIS FICAM SENTADOS EM SILÊNCIO)
- HOMEM - Mas o que é que você acha que ele pode ter escutado?
- MULHER - O que você falou sobre o jornal. Também não deveria ter dito aquilo sobre a Casa Marron. O garoto é muito nacional-socialista.
- HOMEM - Mas o que foi que eu disse sobre a Casa Marron?
- MULHER - Não se lembra? Você disse que lá as coisas também não são muito limpas.
- HOMEM - Mas isso não pode ser considerado um ataque. Não muito limpas, ou melhor, não totalmente limpas, é apenas uma idéia atenuada, em tom de brincadeira, em linguagem popular, querendo dizer que, na Casa Marron, dadas as circunstâncias, nem tudo funciona como desejaria o nosso Führer! Ressaltei, aliás, o caráter de simples probabilidade usando as palavras "ouvi dizer", o que atenua fortemente o sentido da frase. Eu não disse que as coisas lá não são limpas. Não tenho prova nenhuma disso. Eu não disse: "não são limpas". Disse: "ouvi dizer". Onde está o ser humano também está a imperfeição. Não disse nada



além disso e o que disse foi de forma atenuada. ~~Até~~ ~~mesmo~~ ~~o~~ próprio Führer já externou suas críticas sobre este assunto e de forma muito mais contundente.

- MULHER - Mas comigo você não precisa falar desse jeito.
- HOMEM - Quem me dera ter certeza de que não precisasse! Não sei direito o que você repete lá fora sobre o que eu possa dizer num momento de exaltação aqui entre essas quatro paredes. Entenda bem, não estou querendo dizer que você tenha o propósito de espalhar levemente coisas que possam prejudicar seu marido. Assim como também não acredito que nosso filho possa fazer alguma coisa contra o próprio pai. Mas, infelizmente há uma grande diferença entre fazer mal a alguém e saber o mal que se está fazendo.
- MULHER - Pare com isso! É melhor vigiar a própria língua! E eu aqui quebrando a cabeça para me lembrar se você falou da Casa Marron antes ou depois de dizer que não se pode viver na Alemanha de Hitler...
- HOMEM - Mas isso eu não disse em nenhum momento!
- MULHER - Você me trata como se eu fosse da polícia! Só estou querendo saber o que o garoto ouviu.
- HOMEM - Eu não uso a expressão Alemanha de Hitler. Não faz parte do meu vocabulário.
- MULHER - E o que você falou sobre o Fiscal-de-Quarteirão? E sua frase sobre as mentiras dos jornais? E o que disse criticando a defesa antiaérea? O menino não ouviu nada de positivo! Isso não é bom para uma personalidade em formação. Só serve para prejudicar a juventude. E como diz e repete o Führer: "a juventude alemã é o futuro alemão". O menino de fato não é assim e não iria lá correndo nos denunciar. Estou até me sentindo mal. Estou enjoada.
- HOMEM - Mas ele é vingativo.
- MULHER - E por que se vingaria de nós?
- HOMEM - Sei lá. Sempre há algum motivo.
- MULHER - Mas não sei qual. Ele tem tudo o que quer. Agora mesmo eu lhe dei dez pfennig.
- HOMEM - É. E isso é suborno.
- MULHER - Que quer dizer com isso?
- HOMEM - Vão dizer que tentamos subornar o menino para ele não abrir a boca contra nós.
- MULHER - (APAVORADA) Que acha que eles poderiam fazer com você?
- HOMEM - Tudo! Não há limites para o que eles podem fazer! Meu Deus do céu, como é que se pode ser professor, formador

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- da juventude? Eu tenho medo da juventudo!
- MULHER - Mas eles têm tudo contra todos. Todos são suspeitos. Há suspeita, a pessoa se torna um suspeito. Mas o menino não pode ser considerado uma testemunha digna de crédito. Uma criança não sabe o que diz.
- HOMEM - Isso é o que você pensa. Além disso, desde quando eles necessitam de testemunhas para alguma coisa?
- MULHER - Mas temos de pensar no que dizer para explicar as palavras do menino. Podemos dizer que o menino entendeu mal o que você disse.
- HOMEM - Mas o que é que eu posso ter dito? Não me lembro mais. Culpada de tudo é a merda dessa chuva. A gente acaba ficando de mau humor. E eu seria o último a dizer qualquer coisa contra o tremendo soerguimento moral que o povo alemão está experimentando nos dias de hoje. Já no final do ano de 1932 eu previ tudo o que iria acontecer.
- MULHER - Karl, agora não temos tempo para conversar sobre isso. Precisamos nos preocupar em saber explicar tudo direitinho. E rápido. Imediatamente. Não podemos perder um minuto.
- HOMEM - Não posso acreditar que Klaus-Heirich fizesse isso.
- MULHER - Vamos lá: primeiro as palavras sobre a Casa Marron e as porcarias...
- HOMEM - Eu não pronunciei a palavra "porcaria".
- MULHER - Você disse que o jornal está cheio de porcarias e que ia cancelar a assinatura.
- HOMEM - Sim, o jornal! Mas não a Casa Marrom!
- MULHER - (ACHANDO UMA SAÍDA) Você pode ter dito que não aprovava as porcarias nas sacristias, não é? E são exatamente essas pessoas, acusadas hoje, que no passado espalhavam os boatos sobre a Casa Marron, não é isso mesmo? Diziam até que nem tudo era limpo na Casa Marron! E você ainda disse que eles deveriam cuidar do próprio telhado de vidro, já naquele tempo! E o que você disse ao menino foi: largue o rádio e leia o jornal, porque você é de opinião que a Juventude do Terceiro Reich deve ter os olhos bem abertos para tudo o que acontece em redor, não é mesmo?
- HOMEM - Não sei...
- MULHER - Karl, você não pode desistir agora. Tem de ser forte, como o Führer...
- HOMEM - Eu não quero ser levado a juízo e ver no banco das testemunhas a carne da minha carne, sangue do meu sangue depondo contra mim.



- MULHER - Você não deve olhar as coisas desse jeito.
- HOMEM - Foi leviandade nossa continuarmos indo à casa Klimbtschs.
- MULHER - Mas não aconteceu nada com ele.
- HOMEM - É, mas a suspeita contra ele continua no ar.
- MULHER - Mas se todos aqueles de quem eles suspeitaram ou suspeitam fossem desesperar...
- HOMEM - Você acha que o Fiscal-de-Quarteirão tem alguma coisa contra nós?
- MULHER - Está pensando que ele poderá ser interrogado se houver suspeita contra nós? Mas nós acabamos de dar uma caixa de charutos pra ele, de aniversário! E a gratificação de fim de ano foi generosa.
- HOMEM - Mas os vizinhos do lado, os Gauffs, deram a ele 15 marcos.
- MULHER - Mas os Gauffs, em 1932, ainda liam o jornal antinazista e em maio de 1933 ainda punham na janela a bandeira preta-branca e vermelha. (O TELEFONE TOCA) Devo atender?
- HOMEM - Não sei, não.
- MULHER - Quem pode ser?
- HOMEM - Espere um pouco. Se tocar mais uma vez você atende. (FICAM AGUARDANDO. O TELEFONE PARA DE TOCAR) Isto não é mais vida! Seu filho é um Judas! Fica sentado à mesa tomando a sopa que lhe servimos enquanto escuta tudo o que os pais dizem! Espião!
- MULHER - Não diga uma coisa dessas! (PAUSA) Acha que devíamos tomar alguma providência?
- HOMEM - Será que eles virão já, com o menino?
- MULHER - Tudo é possível, não é?
- HOMEM - Não é bom eu pôr a minha cruz-de-ferro?
- MULHER - Claro que sim, Karl!
- (SEMPRE NERVOSO, O HOMEM PROCURA A CONDECORAÇÃO EM UM ESTOJO. COLOCA-A COM AS MÃOS TRÊMULAS)
- MULHER - Mas não há mesmo nada contra você no colégio?
- HOMEM - Como é que eu posso saber? Estou pronto a ensinar tudo que eles quiserem que eu ensine. Mas se pelo menos eu soubesse o que é que eles querem! Se eu soubesse, por exemplo, o que eles querem que seja a figura de Bismarck? Os novos livros didáticos ainda não saíram... Escute, não é melhor aumentar o ordenado da empregada? Ela vive escutando.
- MULHER - É, talvez seja. E o retrato de Hitler ficaria melhor sobre a sua escrivaninha, não acha?

- HOMEM - É, pode pendurar... (A MULHER VAI MUDAR O RETRATO) ra! Se o menino disser que mudamos o retrato de propósito isso não vai dar a impressão de consciência culpada? (A MULHER DEIXA O RETRATO ONDE ESTÁ.) Viu o barulho da porta?
- MULHER - Não ouvi nada.
- HOMEM - Pois eu ouvi.
- MULHER - (ABRAÇANDO O MARIDO E FALANDO BAIXINHO) Karl!
- HOMEM - Controle seus nervos. Arrume algumas mudas de roupa para eu levar.
- OUVE-SE BATER A PORTA DA RUA. HOMEM E MULHER ESTÃO JUNTOS, DE PÊ, ESTARRECIDOS. O MENINO ENTRA TRANQUILO, COM UM SACO DE PAPEL NA MÃO. PAUSA)
- MENINO - Que há com vocês?
- MULHER - Onde você esteve?
- MENINO - (MOSTRANDO O PACOTE) Fui só comprar umas balas.
- MULHER - Só?
- MENINO - É claro. Que mais eu iria fazer? (ATRAVESSA A SALA E SAI COMENDO AS BALAS. OS PAIS OLHAM-NO COM OLHAR INTERROGATIVO. AFASTAM-SE ALIVIADOS. SORRIEM. SÚBITO OLHAM-SE NOVAMENTE COM MEDO)
- HOMEM - Será que ele está dizendo a verdade?

A LUZ VAI CAINDO LENTAMENTE

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025